



Trilogia
Irmãos Angelis

Anjo da Sorte
Lady Graciosa

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [X Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de disponibilizar conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [X Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: xlivros.com ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade enfim evoluirá a um novo nível.

ANJO DA SORTE

Copyright © 2007 Flávia Cunha Santos.

Todos os direitos reservados. Proibidos a reprodução, o armazenamento ou a transmissão total ou parcial, sob qualquer forma. Todos os personagens desta obra são fictícios. Qualquer semelhança com pessoas vivas ou mortas terá sido mera coincidência.

Capa: Renee Jansoa - Fotolia.com

Revisão: Fabíola Valladão Attademo

Contato:

<http://ladygraciosa.com/>

Trilogia Irmãos Angelis
Livro I

Anjo da Sorte

Lady Graciosa

Agradecimentos

Agradeço a Deus por me fazer acreditar;

À minha família por me apoiar em todas as minhas aventuras;

Às comunidades do Orkut que abriram as portas para que eu contasse as minhas histórias, em especial a Adoro Romances, onde estreei e a Oficina Romântica, minha casa atual;

À todas as leitoras que pacientemente (ou não) acompanham e incentivam para que eu escreva cada vez mais;

À Caroline, que divide comigo o blog Mulheres Românticas;

À Carla, Marcy e Fabi pelo apoio e pelos papos das madrugadas;

Ao Bruno, que me presenteou com esse pseudônimo;

Aos meus sobrinhos, Perola e Pablo, amores da dindinha;

E a você, que está comprando este livro, prestigiando o trabalho de uma autora brasileira.

Muito Obrigada.

Prólogo

"Ainda que eu falasse as línguas dos homens e dos anjos, e não tivesse amor, seria como o metal que soa ou como o sino que tine. (I Coríntios 13:1)".

Às vezes, uma decisão difícil, não quer dizer impossível. Quando o anjo Rafael recebera a missão de ajudar a bela Serena a sobreviver em um momento trágico de sua vida, não imaginava ser tomado por sentimentos humanos como o desejo e o amor. Mas acontecera, e agora que recebia de seus mestres o livre arbítrio para decidir entre permanecer em sua missão celestial ou retornar a terra como mortal, a decisão soara fácil.

Viveria o tempo que lhe fosse permitido ao lado daquela que se tornara uma parte tão importante de si mesmo. Viajaria, junto com Serena, para algum lugar do mundo onde pudessem iniciar uma nova vida e formar uma grande e bela família.

Capítulo I

– Oh, não!

Carolina Torres olhou desamparada para a sua meia-calça desfiada. Não que fosse uma novidade ter suas meias calças desfiadas, seria muita sorte que isso não acontecesse! Infelizmente não era uma pessoa sortuda e sua meia desfiara em um dia em que não tinha outra, de reserva, em sua bolsa.

Se não fosse pela reunião com o novo chefe da empresa que trabalhava, provavelmente não estaria tão desolada. Mas pretendia causar uma boa primeira impressão, chegando com a aparência perfeita. Exatamente como uma arquiteta deveria ser. Profissional e organizada.

Consultou o relógio e suspirou aliviada. Ao menos estava um pouco adiantada, o que lhe dava alguns minutos para correr até o banheiro e retirar as meias. No caminho, pediu a Deus que somente pelo período de uma hora, o tempo que duraria a reunião, nenhum outro contratempo ocorresse.

Assim que terminou de se recompor, encaminhou-se apressada para o elevador. Não percebeu a pessoa que vinha em sua direção a tempo de desviar-se e o choque foi inevitável. As pastas que trazia em seus braços espalharam-se pelo hall de entrada da empresa, provocando risinhos mal disfarçados de alguns funcionários.

Carolina suspirou conformada. Não devia magoar-se com aquilo. Sabia que os incontáveis contratempos que estavam ligados a ela provocavam o divertimento dos vários funcionários da empresa. Fora assim desde que se entendia por gente. Elevando a vista para a pessoa parada a sua frente, preparou o pedido de desculpas que ficou preso em sua garganta.

Aquele homem não podia ser real. Piscou para ter certeza de que não estava tendo uma visão. Acabara de trombar com o homem mais lindo que já vira em seus vinte e cinco anos de vida. Observou-

o da cabeça aos pés e verificou que o impacto não havia provocado nenhum dano ao corpo perfeito.

Agradeceu aos céus. Poderia ter sido pior. Com sua "sorte", ele poderia estar seriamente ferido. Sacudiu a cabeça para clarear as idéias. Limpou a garganta para proferir um pedido de desculpas.

– Desculpe-me. – o estranho falou antes que ela pudesse abrisse a boca. – Eu estava distraído.

Ele estava pedindo desculpas? Perdera-se ao ouvir a voz grave, que soou em seus ouvidos como uma carícia. Um homem bonito como aquele, não podia ter uma voz sedutora como aquela. Com certeza ele era um perigo. Tratou de voltar sua atenção para o momento.

– Não precisa se desculpar. – Carolina tratou de esclarecer. – A culpa com certeza foi minha.

Abaixou-se para recolher as pastas espalhadas pelo chão. O movimento foi seguido pelo dele e por pouco não trombaram de novo. Enquanto recolhiam as pastas, ele tentou mais uma vez desculpar-se.

– Eu realmente não estava olhando por onde andava...

Ele recolheu a maioria das pastas do chão e ergueu-se estendendo a mão para que Caroline levantasse. Não soltou suas mãos quando ela o fez.

– Você pode pensar que teve culpa, mas acredite... Eu sou a culpada. – sorriu. – Meu histórico não é dos melhores... Você poderá comprovar com qualquer pessoa da empresa.

– Você tem um histórico... de esbarrões?

Carolina sentiu o rosto em chamas. Não devia ter dito nada. Agora, não haveria chance nenhuma de o bonitão a sua frente se aproximar e quem sabe convidá-la para sair. Que sina! Nenhum homem ousava chegava perto da "Rainha do desastre", como era conhecida. Resolveu ser sincera. Afinal, se ele ficasse na empresa um tempo razoável e perguntasse sobre ela, ninguém negaria informações.

– De esbarrões, quedas, atrasos e outros pequenos incidentes... – suspirou e rapidamente deu um grito. – Oh, não!

– O que houve?

– Atrasos! – Carolina explicou. – Estou completamente atrasada para a reunião com o chefe!

Saiu correndo, as pastas na mão, em direção ao elevador. Que péssima primeira impressão daria. Logo agora que a firma estava efetuando tantas transformações! Observou que o bonitão a seguia.

– Hei! Qual o seu nome?

Mas as portas do elevador se fecharam antes que Caroline proferisse uma única sílaba. Resmungando contra sua má sorte Carolina chutou a parede do elevador. Depois mostrou a língua para câmera, pois sabia que o senhor Valter, o segurança do turno, estaria rindo muito de sua sala. Suspirou, tentando se controlar. “Você é uma excelente arquiteta, uma profissional competente e organizada”. Pensou enquanto prometia dezenas de coisas ao seu anjo da guarda para que ele lhe ajudasse e o seu novo chefe não percebesse o seu atraso.

Gabriel Angelis ficou um bom tempo parado em frente ao elevador, como se assim conseguisse ouvir o nome da bela morena que trombara com ele. Nossa! Aquela moça era problema, e problema com “p” maiúsculo! Não precisava de nenhuma complicação amorosa neste momento de sua vida, mas tinha certeza que não poderia evitar o que estava por vir. Ao que parecia, houve algum tipo de conexão entre ele e a bela morena, porque no momento em que os olhos negros o encararam, ele soube que havia encontrado a mulher especial que estava procurando.

Consultou o relógio de pulso para ver se teria tempo de procurá-la. Suspirou desanimado. Em poucos minutos deveria participar de uma reunião em que não poderia chegar atrasado. De forma alguma deixaria que sua libido atrapalhasse seus negócios. Queria que esse empreendimento desse certo e assim, poderia ficar mais próximo de sua família. Sentia muita falta de seus pais, mas, principalmente, sentia a falta de seus irmãos. Eles eram uma parte muito importante de sua vida, um laço extremamente forte os unia.

Os trigêmeos Angelis, segundo seus pais, eram um presente que Deus havia lhes dado para coroar o grande amor que os unia. Foram criados num lar onde a felicidade reinava, mas após se formarem na universidade, em carreiras distintas, cada um seguiu seu rumo. Agora eles estavam todos de volta a cidade do Rio de Janeiro, tentando se estabelecer em suas profissões, próximos um do outro.

Micael, um médico respeitado, que trabalhara num dos mais conceituados hospitais dos Estados Unidos durante um bom tempo, e Natanael, um advogado brilhante que se consolidara na carreira, após ganhar causas consideradas perdidas. Mica e Nate eram muito mais que seus irmãos, eram seus melhores amigos. Antes de cada um seguir seu rumo, haviam feito a promessa de que, ao completarem trinta anos, voltariam para casa.

E agora, estavam os três de volta ao lar. A felicidade dos trigêmeos por estarem juntos outra vez só não era maior que a de seus pais, Rafael e Serena, que não viam a hora de ter a família reunida novamente. Gabe despertou de seus devaneios quando a porta do elevador abriu a sua frente.

Caroline chegou esbaforida ao andar em que se daria a sua reunião. Muito mais pelo encontro no saguão do que por qualquer outro fato. Estava chateada por perceber que nem ao menos haviam se apresentado. Se não fosse o atraso, voltaria para o saguão e daria não só seu nome, mas também o seu telefone e endereço.

Abriu a porta da sala de reuniões e piscou, surpresa. Havia poucas pessoas ali e nem sinal do novo chefe. Sentou-se perto de Fernanda, secretária do seu antigo chefe na empresa, procurando descobrir o que acontecera.

– Oi Carolina! – Fernanda sorriu, sincera. – Nenhum contratempo?

– Oh! Sim... Os de sempre. – Carolina fez uma careta. – Onde estão todos? Acreditei estar atrasada para a reunião...

Fernanda franziu as sobrancelhas.

– Não recebeu meu recado? – perguntou, curiosa. – Eu liguei avisando sobre a alteração no horário da reunião...

– Eu tive um pequeno problema com a secretária eletrônica esta manhã.

Carolina optou por omitir que acabara derrubando todo o conteúdo da mesinha de telefone ao apoiar-se nesta para não cair. Tinha acabado de sair do banho e ao ouvir o aparelho tocar, tornara-se descuidada e não houve como evitar o pequeno desastre.

Resolveu servir-se de um café, aproveitando sua chegada antecipada à reunião. Preparou uma xícara para Fernanda e uma para ela própria. Ouviu a porta abrir-se e ao virar-se, com ambas as mãos ocupadas, tropeçou.

Fechou os olhos, conformada com a queda, quando sentiu que braços fortes a amparavam. Por milagre, as xícaras de café permaneceram intactas em suas mãos. Levantou os olhos para saber quem era o seu anjo salvador. Perdeu o fôlego ao mirar-se nos olhos azuis do estranho com quem havia trombado poucos minutos atrás.

– Desculpe-me! – Carolina falou num fio de voz. Nunca antes o seu jeito estabonado deixara-a tão constrangida.

– Não foi nada. – Gabriel estava sorrindo ao endireitar-lhe o corpo e, relutante, soltar-lhe. – Pode...?

– Oh, sim! – imediatamente, Carolina tratou de chegar a sua cadeira.

Ao acomodar-se ouviu Fernanda cochichar “Que pedaço de mau caminho!”. Não podia discordar. O belo desconhecido detinha um porte invejável. Com certeza não havia um grama a mais nos prováveis um metro e oitenta. Na opinião de Carolina, nem todo homem podia envergar um terno e ficar deslumbrante. Aquele podia. O rosto másculo e o queixo proeminente não deviam combinar com as covinhas que surgiam em seu rosto ao sorrir. Mas combinavam. A boca, que parecia sempre esconder um sorriso, lhe fazia pensar em beijos. E os olhos... Ah, os olhos... Azuis como o céu no fim da tarde, pareciam mais brilhantes em contraste com os cabelos negros.

Carolina desejou arrumar o cacho que lhe caía sobre a testa. E Gabriel, como que intuindo seu pensamento, passou a mão por

entre os cachos negros, arrumando-os no lugar. Nesse momento seus olhos se encontraram e seu rosto se enrubesceu, ao imaginar que ele sabia exatamente em que estava pensando.

Somente então, percebeu que todos estavam em silêncio e encaravam o "seu estranho" em expectativa. Neste momento uma idéia passou por sua mente. Bem, Deus não permitiria que aquilo acontecesse. Olhou para Fernanda em busca de confirmação e o dar de ombros da amiga foram tão esclarecedores quanto a voz rouca que anunciou, pouco depois de todos os funcionários acomodarem-se em seus lugares.

– Bom dia! Eu sou Gabriel Angelis. Gabe, se preferirem. Estarei de hoje em diante dirigindo junto com vocês esta empresa e o nosso novo empreendimento.

O coração de Carolina pulou uma batida ao compreender o que estava acontecendo. O "seu estranho" se transformara em seu chefe em menos de uma hora! E o pior, trombara duas vezes com o homem! Seu sonho de ser a arquiteta do projeto fora por água abaixo. Quem, em sã consciência, deixaria a responsabilidade de um projeto nas mãos de um profissional que confessara um histórico de desastres?

Desligou-se da reunião e passou a prestar atenção somente no movimento que os lábios masculinos faziam ao falar. Era hipnotizante. Um movimento chamou sua atenção para as mãos masculinas. Que mãos eram aquelas! Grandes e... Perfeitas. De tão entretida que estava, observando o homem a sua frente, só percebeu a pergunta dirigida a ela ao notar todos esperando uma resposta de sua parte.

Olhou para Gabe, perdida. Qual fora a pergunta?

– E então, Carolina... Você aceita?

– Sim... – respondeu. E enquanto todos se retiravam da sala, ficou tentando descobrir... Com o que concordara?

"Enviarei um anjo adiante de ti para te guardar no caminho e te fazer entrar no lugar que eu preparei. (Êxodo 23:20)"

Capítulo II

– Você é mesmo sortuda!

Carolina não entendeu a afirmação sussurrada por Fernanda, antes que esta deixasse a sala de reuniões. Sortuda? Ela? Algo estava acontecendo ali e precisava descobrir o que era o quanto antes. Levantou-se disposta, assim como os outros profissionais da empresa, a sair da sala. Antes que desse um passo em direção a porta, as palavras de Gabriel a fizeram sentar-se novamente.

– Podemos ir?

– Ir?

– Bem, se você não esta preparada podemos deixar para depois...

– Depois?

Carolina perguntou e logo se deu conta que não falava uma frase coerente, apenas repetia as palavras de Gabriel como se fosse uma tonta! Respirou fundo e tentou ordenar as idéias de forma que pudesse compreender o que estava acontecendo.

– Sr. Angelis...

– Gabriel. – Gabe a interrompeu.

– Gabriel... Você poderia me dizer... Sobre o que esta falando? – não pode evitar que suas bochechas corassem com o embaraço. – Eu... Realmente... Não sei com o que concordei...

Gabriel não pode esconder o sorriso que aflorou em seu rosto. O fato de Carolina confessar que não sabia com o que havia concordado dava margem a várias possibilidades interessantes. Duas covinhas surgiram em seu rosto, cúmplices dos pensamentos maliciosos que povoavam sua mente.

– Você concordou em ir comigo... Carolina. – a pausa antes de pronunciar seu nome foi proposital.

Ir com ele... Mas onde? Bem, em qualquer outra situação não se importaria em ir com um homem daqueles a qualquer lugar. Mas

Gabriel Angelis era seu chefe, certo? Para onde concordara ir, junto com seu chefe? E diante de todos os seus colegas de trabalho! Deus! Com sua sorte, provavelmente dera alguma mancada...

– Onde... Iremos?

– Iremos almoçar juntos... – Gabriel sorriu antes de anunciar despreocupado. – Para discutirmos o projeto.

– Ah, certo... - Carolina também sorriu. – Mas... Por que eu?

– Você foi escolhida a arquiteta que coordenará o novo projeto.

O som do riso cristalino de Carolina preencheu a sala.

– Sei... – Carolina não se conteve. – E o Papai Noel será o meu ajudante?

Gabriel franziu o cenho, nem um pouco divertido com o comentário de Carolina.

– Por que faz isso?

– Isso o que?

– Se diminui desta maneira. – Gabe segurou suas mãos por sobre a mesa. – Você é uma profissional talentosíssima!

– Como pode saber? Você acabou de chegar à empresa...

– É verdade. Mas eu já conhecia o seu trabalho e o de todos os outros profissionais antes desta reunião. – Gabe explicou. – Antônio me passou todas as propostas para o projeto antes de deixar a direção da empresa. – fez uma pausa antes de concluir. – E a proposta escolhida foi a sua.

A cabeça de Carolina girou com a informação. Gabriel escolhera a sua idéia para o novo empreendimento? Quando os arquitetos receberam a ordem de apresentar propostas para o novo empreendimento da empresa – um hotel na região serrana, um pouco depois de Teresópolis. – Carolina imediatamente visualizara pequenos chalés rústicos, com uma arquitetura diferenciada. Um lugar aprazível, que encantasse a todos os que resolvessem ir até lá desfrutar seus dias de folga.

Não acreditara que sua proposta seria a escolhida. Nos últimos cinco anos trabalhara em projetos menores, na maioria das vezes prestando ajuda a outro profissional. Os pequenos desastres que a acompanhavam desestimulavam seu chefe a contemplá-la com um grande projeto. E quando suas idéias eram aproveitadas, geralmente ela era apenas uma “colaboradora” do arquiteto chefe. E foi isso que tentou dizer a Gabriel.

– Fico muito feliz por minha proposta ter sido a escolhida... – começou hesitante. – ... Mas você deveria discutir o projeto com o arquiteto que irá executá-lo.

– É exatamente isso que pretendo fazer. – Gabriel levantou-se e estendeu-lhe a mão. – Vamos?

Carolina o seguiu, ainda tentando entender o que acontecera na reunião. De repente ela passara a ser a estrela da empresa? Enquanto Gabe dirigia ela pensava no inusitado da situação. Ora, o fato de seu projeto ser escolhido por si só já era uma novidade. Agora, ser escolhida para chefiar o projeto?

Quando deu por si, Gabe estacionava num charmoso restaurante próximo à praia do Flamengo. Ele a conduziu até uma mesa um pouco afastada das demais, próxima à janela, com uma belíssima vista. Parecia perfeito, até Carolina esbarrar no garçom que se aproximava com uma bandeja de copos.

Fechou os olhos, disposta a contabilizar o prejuízo, mas sem coragem para observar o desastre. Deus! Um homem prefeito me convida para almoçar e minha “sorte” não muda?

– Carolina? – Gabriel perguntou solícito. – Você está bem?

Abriu os olhos e deparou com o azul profundo dos olhos a sua frente. O garçom, já havia se adiantado e servia as bebidas de outra mesa, sem dificuldades. Olhou para Gabriel sem entender.

– O rapaz pediu desculpas por esbarrar em você, mas você estava de olhos fechados...

– Eu pensei que... – pensou melhor e desistiu de contar o que havia pensado. Não precisava alardear sua falta de sorte. – Esqueça... Não foi importante.

Sentaram-se e foram atendidos por uma simpática jovem que parecia encantada com Gabe. Ele pediu uma garrafa de vinho branco, que a jovem providenciou, enquanto escolhiam os pratos. Decidiram por linguado ao molho de ervas e risoto de camarão. Após terem feito os pedidos, Gabe ergueu sua taça.

– Um brinde a nova fase de sua vida.

Carolina ergueu sua taça relutante.

– Precisamos conversar sobre isso...

Gabriel encostou sua taça a dela, antes de responder.

– O que vamos conversar não vai mudar o fato de que você é a nova arquiteta chefe deste projeto.

– Gabriel...

– Relaxe... – Gabe a interrompeu. – saboreie a sua refeição. – Gabe piscou malicioso. – Depois conversaremos sobre negócios.

O modo como Gabe lhe piscara, fez com que Carolina engolisse a deliciosa refeição sem nem mesmo sentir seu sabor. O modo como ele vagarosamente levava o garfo à boca, fazia com que imaginasse aqueles lábios colados ao seu. Degustando-a. Seus olhares se encontraram, e ela imaginou se Gabe poderia adivinhar os seus pensamentos.

Quando por fim a garçonete retirou os pratos e serviu café, Carolina já estava com os nervos abalados. Céus! Um homem como aquele era um perigo para mulheres solitárias e corações despreparados.

Carolina não podia deixar-se envolver pelo charme do homem a sua frente. Um homem como aquele não passaria por sua vida sem deixar marcas e ela já carregava cicatrizes demais, no sentido literal e figurado, para permitir-se um envolvimento.

Ele era seu chefe... Provavelmente esqueceria todos os motivos para não se envolver com Gabriel, mas como esquecer que ele era seu chefe? Com sua "sorte" acabaria ficando sem Gabriel e sem emprego. Sacudiu a cabeça tentando afastar o pessimismo. A voz de Gabriel serviu-lhe de base para retornar ao motivo do almoço.

– Carolina, nós precisamos discutir os detalhes da sua nova função.

– Ah... Certo. – Carolina o olhou, desamparada. – Você tem certeza de que devo chefiar este projeto?

– Isto não está em discussão. – Gabriel afirmou conciso. – Você “é” a chefe. – segurou sua mão e olhou firmemente em seus olhos. – Eu confio em seu trabalho.

Carolina ficou surpresa com a confiança de Gabriel. Ele não a conhecia, e os poucos projetos que havia feito não poderiam ter influenciado para que Gabe a escolhesse. Estreitou os olhos com uma suspeita.

– Tem algo errado com esse projeto? – vendo Gabriel piscar ante a sua pergunta, suas suspeitas se multiplicaram. – Está me escondendo algo?

Gabriel se recompôs ante a perspicácia de Carolina. Precisava controlar suas emoções de forma a não deixar que a situação escapasse de seu controle.

– Não crie idéias mirabolantes em sua cabeça. – Gabriel sorriu, para disfarçar o desconforto. – O projeto está ocorrendo dentro do que esperávamos.

– Esperávamos? – Carolina perguntou intrigada.

– Sim, esperávamos. – Gabriel confirmou. – Eu e meus irmãos somos sócios.

Carolina esperou. Sabia que Gabriel ainda não havia dito tudo. Gostaria de entender o que estava acontecendo, mas não detinha informações necessárias para isso.

– Bem, voltando ao projeto... – Gabriel não soltou suas mãos em nenhum minuto. – Eu tenho apenas uma exigência a fazer.

– Eu sabia... – Carolina murmurou num muxoxo. – Estava bom demais para ser verdade!

– Hei! – Gabriel a interrompeu ofendido. – Não é nada demais...

Carolina o olhou descrente. E não pode esconder a surpresa com o que ouviu a seguir.

"Ela acreditava em anjo e, porque acreditava, eles existiam.(Clarice Lispector)"

Capítulo III

- Não é ela. – Gabe disse ao entrar em casa.
 - Você não pode ter certeza. – Nate disse com sua fria lógica, pertinente a um advogado.
 - Por que acha isso? – Mica lançou um olhar de censura para Nate, antes de perguntar a Gabe.
 - Eu não sei... – Gabe não conseguia por em palavras os seus pensamentos. – Eu só não sinto que seja ela.
 - Ah, por favor! – Nate não conseguiu controlar o sarcasmo. – Você sente?
 - Nate! – Mica censurou o irmão.
 - O quê? – encarou os irmãos sem um pinga de arrependimento. – Não posso dizer o que penso?
 - Claro que pode. – Gabe interrompeu-os antes que a discussão atraísse seus pais à sala. – Mas precisa aceitar que eu nem sempre penso como você.
 - Ou nunca... – Mica provocou.
 - Mica! – desta vez foi Gabe que censurou o irmão. – Eu acreditei quando Nate me disse que havia algo errado na empresa.
 - Oh, claro! – Mica zombou. – Talvez porque Nate achou aqueles documentos?
 - Não pode dizer que não foi providencial. – Nate sorriu zombeteiro.
 - Oh, não! – Mica não conteve o sorriso. – Essa é a melhor parte de se ter um irmão advogado... Não ter que pagar um!
- Ao ver o irmão explodir em uma gargalhada, Gabe não se conteve e sorriu junto. Era bom estarem juntos novamente. Nate sempre encontrava um jeito de mantê-lo com os pés no chão, enquanto Mica alegrava qualquer reunião.

– Como está a situação agora? – Nate perguntou interrompendo a descontração dos dois. – Ela concordou com a exigência?

– Sim. – Gabe informou. – Embora...

– O quê? – Mica incentivou o irmão a continuar.

Gabe pensou melhor e decidiu não falar nada. Não queria compartilhar com os irmãos sua suspeita de que ela desconfiara de alguma coisa.

– Ah... Nada importante. – sorriu para o irmão. – Mica, você teria se divertido na sala de reuniões!

– Ah, que pena não estar lá! – Mica estava curioso. – Mas me conte tudo!

Antes que Gabriel pudesse entrar em detalhes sobre a reunião, ouviram a voz da mãe chamando-os da cozinha.

– Meus anjinhos! – a voz de Serena traduzia toda a satisfação de tê-los em casa. – O jantar está servido!

– Anjinhos... – Nate resmungou. – Eu tenho um metro e oitenta e cinco de altura!

– E daí? – Mica implicou. – Eu sou um anjo grande.

– Ah, mamãe não diria isso se soubesse...

Gabe interrompeu-se ao ver a aproximação do pai. Rafael que acabava de entrar na sala ouviu os comentários dos filhos e sorriu antes de comentar.

– Vocês serão sempre nossos anjinhos. – aproximou-se de Mica e piscou para o filho. – E “eu” sei o que você anda aprontando Micael.

– Gabe! – Mica protestou. – Você e sua boca grande!

Desviando-se da almofada que vinha em sua direção, Gabriel tentou se defender.

– Eu não disse nada! – recolocou a almofada no lugar, e encaminhou-se para cozinha sendo seguido pelos demais. – Mas você não é lá muito discreto...

Serena depositava a salada na mesa quando viu entrar na cozinha os homens de sua vida. Deus fora muito bom com ela, deixando-a

usufruir de uma família tão linda e amorosa. Tendo escutado a última parte da conversa resolveu provocá-los logo após ganhar um beijo rápido, mas repleto de carinho, de seu esposo.

– Na realidade, Micael não é nada discreto. – sentou-se junto a eles.

– Madalena esteve ontem por aqui...

– Nossa! – Nate não se conteve. – Aquela mulher deve ter uma rede de informantes, para estar sempre sabendo de alguma coisa.

– Natanael... – o pai recriminou-o. – Isto não é muito delicado de sua parte. Sabe que Lena é como uma filha para nós.

– Desculpem. – Nate então mudou de assunto. – Gabe você acabou não contando da reunião...

– Nada disso, meninos. – Serena sorriu para as crianças crescidas a sua frente. -Lembrem-se da regra.

– Não falar de negócios no jantar. – disseram juntos.

Gabe sorriu. Era muito bom estar novamente em casa. Sua mãe não se continha em demonstrar sua felicidade. Apesar de ter dado todo o apoio quando os filhos partiram para traçar seus próprios caminhos, nunca escondera que a distância a entristecia.

Sua mãe não iria gostar das novidades. Gabe ainda não avisara que se ausentaria por um tempo para acompanhar a construção do hotel. Entendia os sentimentos de sua mãe. Ele próprio sentia falta da convivência com os irmãos e com os pais. Mas não podia evitar as responsabilidades.

Ao descobrir os problemas na empresa que acabara de comprar, comprometera-se a resolvê-los. Suspirou ante a idéia. Talvez fosse melhor conversar primeiro com o pai. Rafael parecia ter o poder de minimizar o impacto das coisas antes que chegassem a Serena. Uma proteção digna do amor que compartilhavam.

Apesar de Nate afirmar aos quatro cantos que nunca se casaria e Mica ser considerado um mulherengo, Gabe sabia que no fundo ambos pensavam como ele. Jamais aceitariam menos do que os pais viviam. Um amor verdadeiro e incondicional.

Relembrando seu encontro com Carolina Torres, desejou que houvessem se conhecido sobre outras circunstâncias. Já na colisão que deram no saguão da empresa, sentira-se atraído por Carolina. Ficara surpreso ao descobrir na sala de reuniões quem ela realmente era. Esperava encontrar uma pessoa totalmente diferente e não a atrapalhada e encantadora mulher que quase caíra em seus braços.

Com um suspiro conformado, preparou-se para dormir. Os próximos dias seriam intensos com a preparação para a viagem. Pensar em Carolina não o ajudaria em seus planos. O melhor seria esquecer a inoportuna atração que surgira entre eles... Ou ao menos não deixar que o dominasse.

Carolina chegou a sua casa e desabou no sofá, completamente exausta. O pequeno apartamento, em um condomínio no bairro do Méier, era bastante aconchegante e atendia tranquilamente as suas necessidades. Sapeca, seu gato preto pulou em seu colo e deitou-se confortavelmente em sua barriga.

– Tudo bem, danadinho. – Carolina suspirou cansada. – Vou preparar uma comidinha para nós!

Juntando o restante de suas forças, levantou-se e rumou para a pequena cozinha. Pôs água no fogo, para um macarrão instantâneo, e enquanto ela não fervia, misturou pedaços de peixe cozido com a ração de Sapeca. Despejou o macarrão na água quente, que pulou e espirrou em seu braço. Abriu a torneira e deixou o braço sob a água corrente, observando desanimada a bolha que se formava. Sapeca experimentou sua refeição e miou em protesto.

– Ah, não reclame. – acariciou-o. – Aposto que seu jantar está melhor que o meu!

Levou o prato para sala e depositou-o na mesa. Ligou a televisão no telejornal e tentou engolir um pouco da refeição sem graça. Depois de duas garfadas, desistiu. Tinha planejado passar no supermercado, mas desistiu ao saber que viajaria no fim de semana para dar início ao projeto que iria chefiar.

Levantou-se, jogou a refeição no lixo e lavou o prato. Não queria pensar nas implicações que chefiar o projeto acarretaria.

Depositando o prato no escorredor, se pôs a pensar nos motivos que levaram Gabriel Angelis a exigir que Fernanda fosse a arquiteta assistente no projeto.

Não confiava no senhor Angelis. As maneiras galantes e encantadoras combinavam perfeitamente com a firmeza dos intrigantes olhos azuis, que embora fizesse o possível para disfarçar, escondiam o real motivo de tê-la convidado a chefiar o projeto.

Ah, que tola fora ao imaginar que um homem lindo daqueles se interessaria por uma pessoa de aparência comum como ela. Afora sua maneira desastrada de ser... Ledo engano! O homem era o novo mandachuva da empresa. Bonito demais, misterioso demais e perigoso demais. Não podia deixar-se encantar e seduzir por Gabriel Angelis.

Após uma rápida ducha, jogou-se na cama decidida a não mais pensar em Gabriel, ou na incrível atração que sentia por ele. Decididamente não era uma pessoa sortuda. Ou então, Gabriel não seria seu chefe, não estaria lhe escondendo nada, e estaria tão atraído quanto ela. Suspirando, aconchegou-se nos travesseiros e caiu num sono sem sonhos.

"Nenhum mal te sucederá, nem praga alguma chegará à tua tenda. Porque aos seus anjos dará ordem a teu respeito, para te guardarem em todos os teus caminhos. (Salmos 91:10-11)"

Capítulo IV

Estava atrasada. Não entendia como Fernanda pudera se enganar quanto ao horário da viagem. Em geral Fernanda era uma pessoa por demais organizada. Desceu do táxi, arrastando a mala de rodinhas através da calçada movimentada até o saguão da empresa. Além da mala, carregava também uma bolsa onde Sapeca estava tranqüilamente acomodado, um tubo onde estavam acondicionados os projetos, um laptop, além de sua própria bolsa.

Apesar de ter se arrumado num intervalo de tempo recorde, tinha certeza de que passava em muito do horário em que deveriam ter saído do centro do Rio de Janeiro em direção a região serrana. Fato que foi comprovado ao ver a expressão carrancuda de Gabriel, que tão logo a viu se aproximar, reclamou.

– Está atrasada.

– Eu sei... Desculpe-me. – Carolina pediu enquanto tentava controlar Sapeca que tentava sair de seu confinamento. – Onde está Fernanda?

Vendo-a lutar com a bagagem, Gabriel transferiu o que pode para seus próprios braços, enquanto encaminhava-se para o estacionamento sem ao menos olhar para trás. Esperava que Carolina tivesse o bom senso de segui-lo. Um atraso de quinze minutos era algo razoável. Meia hora já seria um exagero, mas o que dizer a uma pessoa que chegara com duas horas de atraso?

Abriu a porta traseira do carro e jogou os pertences de Carolina no banco de trás. Um gato preto pulou furioso em seu peito, fincando as garras e ferindo-o. Sem pensar, segurou o animal com as duas mãos, pronto para jogá-lo longe quando um grito o impediu.

– Pare!

Mantendo o gato afastado de seu corpo, Gabriel voltou-se para observar Carolina que largando a mala no chão correu para retirar o

gato de suas mãos. Uma terrível constatação formou-se em sua mente.

– Este animal é seu?

– Sim, ele é meu.

Carolina respondeu no mesmo tom jocoso e retornou alguns passos para buscar a mala, esquecida no chão. Tinha absoluta certeza de que sairiam às dezessete horas, e não às onze horas como descobrira ao receber o telefonema aflito de Fernanda.

Não aceitaria ser tratada com desprezo. Afinal, ele nem sequer perguntara o motivo do atraso! Pôs a mala no bagageiro e deu a volta no carro, ignorando a carranca de Gabriel.

Gabe entrou no carro e sentou-se atrás do volante, ainda furioso. Durante boa parte do percurso se recusou a dirigir a palavra à Carolina, que por sua vez, dera-lhe as costas ostensivamente e observava a rua através da janela.

Quando pegou a estrada que os levaria a região serrana, deixando para trás a cidade, Gabriel percebeu o quanto estavam sendo infantis com aquela atitude. Não poderiam trabalhar se não conseguissem se entender. Admitindo que seu comportamento irascível fora exagerado, foi o primeiro a pedir desculpas.

– Eu não pretendia jogar o gato.

Carolina sentou-se corretamente no banco do carro, ignorando a vontade de massagear os músculos do pescoço, extremamente doloridos devido à posição forçada de seu corpo, e lançou um olhar desacreditado para Gabriel.

– Sei...

– Você poderia ter me dito que trazia um gato na bagagem. – complementou ao perceber que Carolina não acreditara em suas palavras.

– No momento em que pegou minha bagagem e me largou falando sozinha no corredor? – Carolina indagou, com calma forçada. – Ou talvez quando jogou minha bagagem em seu carro?

– Eu estava irritado! – Gabriel apertou o volante com força. – Você chegou atrasada...

– Bem, talvez então você não pretendesse jogar o gato longe... Mas a mim!

Gabriel suspirou, tentando conter-se. Seguindo a indicação de uma grande placa, estacionou o carro em um restaurante na subida da serra. Talvez conseguissem conversar melhor após comerem alguma coisa. Virando-se para Carolina, convidou-a para almoçar.

– Nós estamos atrasados. – Carolina lembrou.

– Sim, estamos. – Gabriel confirmou. – Mas como você deve saber, tínhamos previsto parar para almoçar, certo? Talvez você possa me contar o motivo do atraso enquanto esperamos a refeição...

Carolina assentiu e desceu do carro. Depositou Sapeca, que dormia preguiçosamente em seu colo, no banco estofado e acompanhou Gabriel até o charmoso restaurante, situado em meio a uma belíssima vegetação.

O garçom entregou-lhes o cardápio tão logo se sentaram. Como estava dirigindo, Gabriel pediu um refrigerante, no que foi acompanhado por Carolina. Assim que o garçom afastou-se para ir buscar as bebidas, deu uma rápida olhada no cardápio.

– Que tal um filé com fritas?

– Ótimo! – Carolina aceitou sem pestanejar. – Não tive tempo de comer...

Foram interrompidos pelo garçom que serviu as bebidas e afastou-se para providenciar o pedido. Gabriel não perdeu tempo.

– Você ainda não almoçou. – Gabriel a observou antes de indagar – Qual o motivo do atraso?

– Eu não estava atrasada. – Carolina respondeu depois de um tempo.

– Como assim? Você chegou...

– Com duas horas de atraso... Eu sei. – Carolina o interrompeu. – Mas não estava atrasada, porque não era esse o horário marcado.

– Explique. - Gabriel estreitou os olhos.

– A saída estava marcada para hoje, às dezessete horas. – Carolina explicou, encarando-o. – Pelo menos, foi essa a informação que recebi.

– Mas eu avisei a Fernanda sobre a mudança de horário.

– Bem, você não avisou a mim.

Gabriel ouviu a acusação sem retrucar. Evitara estar próximo de Carolina nos dias que antecederam a viagem. Estar próximo àquela mulher era perigoso demais... E não falava por sua propensão a acidentes.

– Ela terá que explicar o porquê de não ter avisado sobre o horário.

– Sim. – Carolina assentiu.

A refeição chegou e passaram a almoçar em silêncio. Quando ambos, saciados, bebiam seus cafés, Gabriel perguntou interessado.

– Por que um gato preto?

– Como? – Carolina não entendeu.

– Bem, uma pessoa tão propensa a pequenos... Contratempos... Como você...

– Ah! – Carolina sorriu. – Sapeca é meu gato da sorte!

Gabriel deixou-se sorrir, sua irritação já esquecida. Havia algo em Carolina que o impedia de ficar muito tempo de mal-humorado. Talvez o sorriso meigo que agora adornava seu rosto. Ou quem sabe, o brilho presente nos olhos. Lembrou a forma como o enfrentara no estacionamento. Os olhos faiscando quando retirara o gato de suas mãos. Como ficariam aqueles olhos no auge do prazer? Uma imagem de Carolina nua em sua cama, os cabelos negros espalhados em seu travesseiro, atravessou sua mente com a velocidade de um raio.

Gemeu. Não podia pensar em Carolina em sua cama. Não podia pensar em Carolina nua... Levantou-se, de forma abrupta, levando Carolina a desfazer o sorriso em seu rosto.

– Vamos.

– Algum problema? – Carolina indagou, estranhando o comportamento de Gabriel.

Respirando fundo, Gabe tentou manter sua libido sob controle e emprestou um tom um pouco mais suave a sua voz.

– Nenhum problema. – sorriu antes de complementar. – Apenas não gostaria de estar na estrada ao anoitecer.

– Claro que não! – Carolina exclamou ao mesmo tempo em que levantava apressada.

O que aconteceu foi previsível. Tropeçando nos pés da cadeira, Carolina sentiu-se projetada para frente, e conformada com a iminente queda, fechou os olhos. Braços fortes a ampararam um segundo antes que se visse estendida no chão. Levantou os olhos e deparou-se com o azul profundo dos olhos de Gabriel, que mesmo após ajudá-la a ficar de pé, não a soltou.

A proximidade de seus corpos fez com que o coração de Carolina passasse a bater de forma desgovernada. Passou a língua em seus lábios subitamente secos. Sentiu os braços de Gabriel a sustentarem de forma mais firme e seu rosto aproximar-se de forma que suas respirações se encontravam e se confundiam.

Gabriel não estava preparado para a espantosa quantidade de sensações que se apossaram de seu corpo. Ter Carolina em seus braços era algo além de tudo que já sentira alguma vez em sua vida. Nunca se sentira tão atraído por uma mulher como por Carolina.

Ao vê-la umedecer os lábios com a língua, conteve-se para não gemer. Sentiu seu corpo rígido diante do apelo sensual. Os lábios rubros estavam entreabertos como num convite. A tentação era grande demais para que pudesse resistir. Tinha que beijá-la. Tinha que provar a si mesmo que estava imune aos encantos daquela mulher.

Ele vai me beijar! Carolina pensou, sentindo as pernas enfraquecerem diante daquela possibilidade. Fechou os olhos, de forma a escapar do impacto de se ver refletida nos olhos azuis. Submissa... Desejosa. Nunca antes a perspectiva de ser beijada por um homem a fizera tremer.

A aproximação do garçom desfez o clima, e eles se separaram constrangidos. Pegando o cartão de crédito que o rapaz lhe estendia, Gabe guardou-o na carteira de forma lenta, exercitando todo seu autocontrole para não gritar de frustração.

Observou Carolina pegar sua bolsa e sair em direção ao carro. Agradeceu ao garçom e seguiu-a, imaginando o quão providencial fora à interrupção. Por um momento esquecera-se de todos os motivos que o levaram aquela viagem. Não podia deixar que seu corpo o governasse. Não podia deixar-se enfeitiçar por aquela linda e desastrada mulher.

Carolina sentia o rosto ferver perante a humilhação. Estivera tão completa e tolamente envolvida por aquele abraço, tão ansiosa perante a possibilidade de um beijo que se esquecera de quem era e de onde estava. Gabriel era seu chefe! Jamais poderia se deixar envolver por um homem como Gabriel.

Não havia possibilidade de que algo entre eles pudesse dar certo. Não com a "Rainha do desastre", nunca com ela. Ao vê-lo aproximar-se, respirou fundo de forma a acalmar as batidas de seu coração. Abriu a porta do carro e sentou-se, acomodando Sapeca em seu colo. Gabriel sentou-se e ligou o carro.

– Carolina, eu...

– Por favor,... Não diga nada. – Carolina o interrompeu. – Não aconteceu nada. - encarou-o, os olhos suplicantes. – Por favor!

Gabriel assentiu em silêncio e pôs o carro em movimento. Enquanto o potente Peugeot cortava a estrada em direção a serra, não pôde deixar de pensar que trabalhar ao lado de Carolina podia se tornar uma tarefa muito difícil. Talvez, aquela fosse uma tarefa impossível.

A velha casa de fazenda onde ficariam hospedados não era nem de longe um hotel cinco estrelas, mas era mobiliada com extremo bom gosto e estava impecavelmente limpa. Fazia apenas alguns minutos que havia chegado com Gabriel ao local onde seria construído o hotel e já se encantara com o lugar.

A casa de madeira possuía dois andares. Na parte térrea havia uma pequena sala de estar, um banheiro, um quarto e um escritório, mas

a ampla cozinha certamente era a parte mais aconchegante e utilizável. A mesa de madeira era ladeada por dois bancos compridos que comportavam facilmente doze pessoas. De um lado as paredes eram tomadas por armários que iam desde o chão até o teto. Do outro, uma pia, um balcão e um fogão do tipo industrial dividiam o espaço. Contudo o que mais chamou a atenção de Carolina foi a cristaleira. Localizada em uma das extremidades da cozinha, estava repleta de peças maravilhosas!

Suspirou encantada e prometeu-se olhar tudo com mais calma. Adorava peças antigas, e quase sempre estava em antiquários atrás de preciosidades que fossem compatíveis com seu orçamento. Todas as pessoas envolvidas no projeto já estavam lá, inclusive Maria, uma simpática senhora que cuidaria das refeições de todos.

Gabriel informou-lhe que a casa possuía quatro quartos, onde ficariam hospedados, Carmem e Pedro os dois engenheiros, Fernanda e Carolina. A única suíte seria ocupada pelo próprio Gabriel.

No momento em que terminou de guardar suas roupas, Carolina foi ao quarto de Fernanda. Precisava saber o motivo de não ter sido avisada da mudança de horário. No momento em que entrou no quarto, que era uma réplica do seu, questionou-a.

– Por que não me avisou da mudança de horário?

"A dúvida e o medo são as duas portas que todo ser humano tem que atravessar para conhecer e obter sua plena e completa liberdade. (Saint Germain)"

Capítulo V

– Você não foi avisada? – Fernanda a olhou com expressão confusa.
– Mas... Andréa não pode ter esquecido!
– Andréa?

– Sim! – Fernanda exclamou. – Eu tentei falar com você, mas sua linha estava ocupada... Então pedi a Andréa que informasse a alteração de horário.

Carolina encarou Fernanda por alguns minutos. Passara algum tempo no telefone, falando com seus pais, no dia anterior. Mas não recebera ligação alguma de Andréa... A moça não podia ter esquecido algo tão importante!

– Quando você não chegou à empresa no horário marcado... Bem, eu achei que poderia ter acontecido... Um pequeno contratempo...

– O que não seria uma novidade. – Carolina emendou. – E por isso me ligou aflita...

Fernanda assentiu, sem palavras.

– Desculpe-me a maneira que falei com você. – Carolina suspirou.

– O Gabriel...?

– Ficou furioso! – Carolina fez uma careta. – E por pouco não cometeu um assassinato!

– Ele não a machucaria...

– A mim?...Oh, não! – Carolina sorriu. – Eu estava falando de Sapeca.

– Sapeca? – Fernanda falou boquiaberta. – Você trouxe aquele gato horrórico com você?

– Sapeca é um gato lindo! – Carolina defendeu seu bichano.

– É um gato preto... Dá azar.

– Sapeca é meu gato da sorte.

Fernanda fez uma careta de descrédito. E Carolina lembrou-se da expressão de Gabriel quando lhe dissera isso. O sorriso daquele homem era capaz de deixar suas pernas bambas. Balançou a cabeça, de forma a afastar os pensamentos.

– Bem, eu vou me aprontar. – Carolina sorriu ao se encaminhar para a porta. – Não quero chegar atrasada para o jantar.

Antes de fechar a porta atrás de si, ainda pode ouvir o riso fácil de Fernanda em consequência do seu comentário.

Durante o banho quente, para sua surpresa, já que não imaginara que a casa contaria com aquele pequeno luxo, Carolina deteve-se pensando nos acontecimentos do dia. Apesar de tentar ignorar a atração que Gabriel lhe provocava, após o episódio do restaurante não estava acreditando no sucesso dessa empreitada.

Gabriel era um homem por demais sedutor. Seria tão fácil deixar de lado a razão e entregar-se aos sentimentos. Mas não podia deixar-se cair em tentação. Sabia que Gabriel tinha intenções ao designá-la a chefe do projeto. Sua intuição lhe dizia que havia algo muito maior acontecendo e era frustrante não saber o que era. Saiu do banheiro enrolada em uma felpuda toalha e entrou em seu quarto. Abriu a porta do guarda-roupa onde seus pertences estavam arrumados, olhou para sua imagem refletida no espelho que tomava toda a extensão da parte de dentro da porta. Fez uma careta para a mulher ali refletida.

Carolina sempre se achava uma mulher comum. O rosto fino de nariz arrebitado parecia não combinar com as maçãs do rosto salientes. Os olhos negros, emoldurados por cílios longos, casavam perfeitamente com os cabelos negros encaracolados que caíam suavemente por suas costas.

– Eu poderia ser mais alta...

Olhou para Sapeca, que deitado em sua cama a observava preguiçosamente, mas o gato ignorou-a. Voltando-se para o espelho, observou o corpo envolto na toalha. Talvez, além de uns centímetros a mais, pudesse ter também uns quilos a menos. As formas voluptuosas decididamente não estavam na moda.

Suspirando inconformada, vestiu rapidamente uma calça jeans e uma blusa verde, cuja estampa mostrava uma enorme borboleta adornada com contas coloridas. Escovou vigorosamente os cabelos e prendeu-os num coque frouxo. Nos pés, delicadas sandálias, baixas e confortáveis, completavam o conjunto.

Ao sair do quarto, em direção à cozinha, tropeçou no tapete que decorava o corredor e por pouco não foi ao chão.

– Você poderia pensar em outra maneira para estar em meus braços.

Com a respiração ofegante, Carolina apoiou-se nos braços fortes de Gabriel, para recompor-se.

– Me desculpe.

– Ah, não se desculpe. – um sorriso delineou-se em seu rosto. – Tê-la em meus braços é realmente... Um prazer.

– Gabriel...

Afastaram-se abruptamente ao ouvir uma porta se abrindo. Era Fernanda, que também estava pronta para o jantar. Trajando um belíssimo vestido azul de estilo indiano, estava radiante.

– Estou faminta!

– Permita-me conduzir tão belas damas. – Gabriel apoiou cada mulher em um de seus braços, e preparou-se para descer as escadas.

Na sala de estar, aproximou-se do móvel que era uma mistura de estante e bar e indagou às mulheres.

– Que tal um vinho?

– Eu aceito. – Fernanda aproximou-se para receber sua taça.

– Eu também. – Pedro, que acabava de chegar com Carmem, aceitou e serviu a engenheira a seu lado.

– Carolina? – Gabriel encarou-a com seus penetrantes olhos azuis.

– Não, obrigada. – aproximou-se da janela e observou a escuridão que se descortinava lá fora.

Às suas costas, Fernanda conversava animadamente com Pedro e Carmem, pessoas com quem já fizera diversos trabalhos. Sentiu Gabriel aproximar-se e instantaneamente seu corpo ficou tenso.

Gabriel manteve uma distância segura de Carolina, o bastante para não provocar insinuações das outras pessoas presentes, e o suficiente para que seu corpo ansiasse por tocá-la.

– Eu falei serio lá em cima. – Gabriel falou num tom de voz baixo, para que somente Carolina escutasse. – Pode cair em meus braços quantas vezes você quiser.

Carolina sentiu arrepiar os pelos de sua nuca ante o tom de voz sedutor. Seu coração pareceu falhar um batimento. Ah, como seria bom acreditar nas palavras de Gabriel...

– Isso não vai acontecer... – Carolina falou apressada. – Eu... Tentarei não ser tão desastrada.

– É uma pena. – Gabriel suprimiu o sorriso.

Carolina virou-se e encarou Gabriel. Não entendia o porquê de sentir que algo acontecia a sua volta. E Gabriel... Quanto daquele interesse por ela era real?

– Realmente? – Carolina indagou.

Gabe estreitou os olhos, intrigado com o tom de descrença empregado por Carolina.

– Por que pergunta?

Carolina ponderou por um momento e decidiu-se por não alertá-lo para suas suspeitas. Seja lá o que for que Gabriel estivesse escondendo, descobriria. Toda a situação, desde que Gabriel assumira a empresa e o projeto, estava estranha, para dizer o mínimo. Desviando os olhos dos dele, resolveu esquivar-se.

– Não é nada.

Percebeu que Gabriel tinha a intenção de perguntar-lhe mais alguma coisa, mas a chegada de Maria anunciando que o jantar estava servido interrompeu a conversa de maneira definitiva. Afastando-se de Gabriel, Carolina dirigiu-se à cozinha e iniciou uma conversa com Carmem. A engenheira era apenas alguns anos mais velha que ela e

já estava há bastante tempo trabalhando na empresa. Parecia estar envolvida com Pedro, também engenheiro, que fora contratado há seis meses.

Sentou-se entre Carmem e Pedro, de frente para Gabriel e Fernanda, que se sentaram do outro lado. O semblante de Gabriel estava carregado e Carolina não soube precisar se era por seu comentário momentos atrás ou por alguma outra coisa. Graças a Fernanda o jantar não foi fracasso.

Brilhantemente ela contou fatos engraçados passados na empresa, o que fez com que até mesmo Gabriel ameaçasse um sorriso. Durante o jantar, Carolina conseguiu relaxar a ponto de questionar se suas suspeitas teriam fundamento. Prestou atenção a Fernanda quando ouviu o seu nome.

– ... E então Carolina derrubou a maquete, que ficou totalmente destruída! – Fernanda contava um episódio acontecido há dois anos. – Vocês precisavam ver como Antonio ficou... A partir deste dia Carolina ficou conhecida como a “Rainha do desastre”.

Carolina ficou vermelha ao ver-se exposta daquela maneira.

– Isto não foi engraçado. – Gabriel falou, silenciando as risadas de seus convidados.

– Desculpe, eu... – Fernanda tentou explicar-se, constrangida. – Não queria...

– Zombar das pessoas dessa maneira... É lamentável! – ele estava visivelmente aborrecido.

– Tenho certeza que Fernanda não fez por mal... – Carolina tentou desfazer o clima tenso que se instalara na mesa.

Observando o rubor que a face de Carolina adquirira, Gabe percebeu que estava contribuindo para deixá-la mais constrangida. Resolveu não aprofundar a discussão. Levantando-se da mesa deu a refeição por encerrada, no que foi seguido por todos. Fernanda subiu para seu quarto imediatamente. Talvez estivesse receosa de que Gabriel voltasse a confrontá-la. Carmem e Pedro, sabiamente saíram para dar um passeio. Carolina tentou fugir para o seu quarto, mas não teve tanta sorte.

– Você fica.

O tom autoritário com que a frase foi dita seria suficiente para fazê-la obedecer, mesmo que Gabriel não estivesse segurando o seu braço, ao levá-la para o escritório. Mal fechou a porta atrás de si, Gabriel segurou-a de frente a seu corpo.

– Por que você aceita isso?

– É a verdade, não? – Carolina conseguiu dizer.

– Não pode acreditar nisso! – Gabriel exclamou exasperado.

– Podemos deixar esta conversa para amanhã? – Carolina desviou os olhos, evitando encará-lo.

A proximidade entre seus corpos estava além do que podia suportar. Precisava afastar-se o mais rapidamente possível.

– Não... Não podemos.

– Eu...

– Talvez, possamos testar sua propensão para desastres. – Gabriel abraçou-a, juntando seus corpos ao máximo. – Se eu beijá-la... O que acontecerá?

Carolina sentiu as pernas bambas, a voz sedutora como uma carícia em seus ouvidos. Apoiou-se no tórax musculoso e inspirou profundamente. Ficava difícil manter sua intenção de resistir a Gabriel, quando ele agia daquela maneira sedutora.

– O teto irá cair sobre nossas cabeças? – Beijou-lhe delicadamente a pálpebra. – ou talvez o chão trema... – Continuou enquanto atrevidamente mordiscava-lhe o lóbulo da orelha.

O coração de Carolina pulsava violentamente, todo o seu corpo ansiando por mais. Fechou os olhos, arrebatada, em meio àquele turbilhão de emoções. Um gemido escapou de seus lábios ao sentir a carícia que a língua de Gabriel fazia neles. Sua respiração se tornara difícil... Ofegou em busca de ar. Imediatamente Gabriel se apossou de seu lábio inferior. Mordiscando e sugando-o até ouvi-la gemer seu nome.

– Gabriel...

– Talvez... – perdendo a linha do raciocínio, Gabriel não pôde conter o desejo de se apossar de vez da boca macia.

Seus lábios se encontram e uma descarga elétrica percorreu todo o corpo de Carolina. Não havia como negar o que seus corpos ansiavam, e eles nem ao menos tentaram. Gabriel encostou-se na parede, moldando o corpo macio de encontro ao seu. As línguas duelavam, dividiam, exploravam a paixão que crescia em seus corpos. Era muito mais do que havia imaginado. Estar nos braços daquele homem poderia facilmente tornar-se um vício. Naquele exato momento seria incapaz de pensar racionalmente.

– Sr. Gabriel...

A batida na porta fez com que se separassem. De forma possessiva, Gabriel deixou que suas mãos assegurassem que o corpo de Carolina ficasse junto ao seu. Olhavam-se atordoados com a paixão descontrolada que acabavam de compartilhar. Gabriel respirou fundo na tentativa de conseguir pronunciar algo.

– Sim, Maria?

– Estou me recolhendo. Deseja algo mais?

– Não... Não obrigado. – parcialmente de posse de seu controle, conseguiu expressar-se de forma normal. – Boa noite.

Ouviu os passos que se afastavam e voltou sua atenção à Carolina, que soltou o ar retido nos pulmões, aliviada por não ser pega em uma situação comprometedoras. Por Deus! Alguns minutos mais e estaria fazendo amor alucinadamente no chão do escritório.

– Eu... Vou para o meu quarto. – Carolina só pensava em fugir das emoções perturbadoras.

Gabriel assentiu, sem palavras. Antes de deixá-la sair, segurou-a firmemente e sussurrou.

– Preciso dizer que... – Gabriel falou pausadamente. – Talvez eu esteja errado.

– Errado? – Carolina ainda estava atordoada com o beijo.

– Por pouco, não provocamos um incêndio por aqui... – sorriu malicioso. – O que poderia ser classificado como desastre natural...

"A busca do impossível deve ser, sempre que possível, uma possibilidade. (Lorenzo Giuliano)"

Capítulo VI

– Vamos ter que refazer esta parte do projeto. – Gabriel informou aborrecido. – Não contava com esse lago que essa parte do terreno contém.

– Podemos aterrar... – Pedro comentou. – Mas os custos subirão consideravelmente.

Gabriel suspirou, exasperado. Os três primeiros dias de avaliação do terreno estavam sendo frustrantes, em todos os sentidos. Havia vários pequenos acidentes acontecendo o tempo todo, não conseguira estar um minuto a sós com Carolina e agora, o local onde inicialmente seria o restaurante do hotel... Havia um lago!

Observou Fernanda e Carmem que pareciam entretidas numa conversa sobre o quanto estava quente para a época e como seria difícil trabalhar naquele local. Inconscientemente suas mãos crispavam-se ao lado do corpo. Estava frustrado com toda a situação e aquelas duas falando sobre o tempo?

Antes de exigir que as duas parassem de conversar bobagens e passassem a pensar numa solução para o projeto, uma comoção no lago chamou sua atenção. Carolina, envergando uma justíssima calça jeans que fizera sua temperatura elevar-se no momento em que a viu, parecia estar tentando atravessar o lago.

Aproximou-se da margem e gritou.

– Carolina, o que pensa que está fazendo?

– Estou testando o lago. – Carolina respondeu distraidamente.

Adentrou mais e mais na água, surpreendendo-se com o potencial que tinha. Ignorando Gabriel, e os outros que se aproximaram da margem e a observavam com expressões das mais variadas, passou a nadar, com braçadas curtas, toda a extensão do lago.

Em sua mente, já redesenhava o terreno, de forma a aproveitá-lo no projeto do hotel. Resolvida a não se demorar mais do que o

necessário, e ansiosa para contar a Gabriel suas idéias, rumou para a margem. Estava a alguns metros de segurar a mão que Gabriel estendia quando uma câimbra a fez perder o equilíbrio e seu corpo foi puxado para baixo.

Percebendo que algo estava errado, Gabriel imediatamente pulou na água. Mergulhou, procurando-a, apavorado com a possibilidade de não conseguir salvá-la. O lago tinha uma boa profundidade... Quando a viu subir a tona, em busca de ar, rapidamente segurou-a em seus braços e a retirou de lá. Quando chegaram à margem, sacudiu-a apavorado.

– Sua maluca! – esbravejou. – Quer me matar de susto?

Carolina estava sem palavras. Gabriel parecia estar descontrolado. Tentou dizer que estava bem... Que não tivera a intenção de assustar ninguém... Que se não fosse a câimbra teria alcançado a margem sem problemas e que havia descoberto uma forma de aproveitar o terreno. Mas não teve tempo para articular uma única frase coerente.

– Vamos voltar para a casa. – ordenou.

Imediatamente todos rumaram para os carros, sem protestar. O tom de Gabriel não admitia contestação. Pedro, Carmem e Fernanda entraram em um veículo, enquanto Gabriel levava Carolina até o outro.

– Gabriel...

– Não fale comigo até que tenha passado a vontade que tenho de te por em meu colo e te dar umas palmadas.

– Você não faria isso...

– Não tenha tanta certeza... – Gabriel disse e segurou em seus braços. – Meu coração quase parou quando pensei que talvez você não viesse à tona... Que eu talvez não conseguisse encontrá-la...

Abraçou-a e beijou-a com desespero. Queria provar aqueles lábios e ter certeza de que ela estava bem... E viva! No momento em que percebera Carolina submergir agiu instintivamente, pulando no lago,

para salvá-la. Tê-la em seus braços, deveria servir para acalmar seu coração... Mas não era isso que estava acontecendo.

Carolina estava totalmente desorientada. Gabriel beijara-a furiosamente, como que querendo puni-la por ter entrado na água. Um beijo apaixonado... Desesperado. Sentiu seu corpo despertar como num passe de mágica. Gemeu e Gabriel afastou-se em busca de ar. As mãos fortes seguravam seus cabelos, enquanto a boca máscula distribuía milhares de pequenos beijos por sua face, e por seus lábios rubros e inchados.

Ouviu-o murmurar algo que soou como "eu não devia me importar", antes de mais uma vez a boca tomar a sua. Dessa vez foi diferente. Lentamente Gabriel tocou todos os recantos de sua alma, tão suave e delicado, como um pedido de desculpas... Talvez por tê-la arrastado até o carro como um homem das cavernas... Talvez por ter tomado sua boca de assalto, quase a machucando.

Um movimento de Gabriel para trazê-la para seu colo foi o que deu início a confusão que se seguiu. O braço de Carolina esbarrou na buzina, provocando um barulho intermitente e ensurdecedor. Na tentativa de afastar-se e fazer o barulho cessar, Carolina afastou-se rapidamente de Gabriel e no processo, seu outro braço foi de encontro ao painel do carro.

Encaram-se por alguns minutos e não conseguiram conter o riso. Afastando-se, Gabriel observou Carolina massagear o braço, na altura do cotovelo, um sorriso estampado no rosto.

– Isso não me surpreende. – ele sussurrou.

– Claro que não... – Carolina assentiu. – "Rainha do desastre", lembra?

– Sim. – Gabriel franziu o cenho ante o título depreciativo. – E me pergunto o quanto do que chamam desastre... Na verdade é a mais pura sorte.

Observou-o intrigada com o comentário e estremeceu de frio. Gabriel retirou sua jaqueta jeans e estendeu-a a ela, que murmurou um agradecimento enquanto a vestia. Ligou o carro ao perceber que Carolina parava de tremer. Quanto tempo se passara desde que os

outros haviam ido embora? Não gostara do olhar entendido que Pedro lhe lançara... Não queria que surgissem comentários envolvendo seu nome e o de Carolina. Isso não seria bom para seus planos.

– Por que mergulhou?

Um brilho surgiu nos olhos de Carolina no momento em que começou a se explicar.

– Gabriel, eu tive uma idéia incrível! – iniciou. – A profundidade do lago é excelente para um restaurante flutuante.

– Isso é viável?

– Claro que sim! – Carolina exclamou. – E mais, não vai alterar os custos iniciais do projeto, como aterrar o terreno faria.

No momento seguinte, Carolina começou a descrever o restaurante da forma que visualizara momentos antes de entrar no lago. Falava de modo apaixonado, com riqueza de detalhes, como só uma excelente profissional poderia fazer. Em momentos assim, era difícil para Gabriel acreditar que Carolina poderia estar envolvida de alguma maneira em...

– Você não está me escutando.

A reprimenda o fez perceber que se perdera em devaneios, deixando escapar grande parte do que ela expusera. Estacionou o carro em frente à casa enquanto elaborava uma justificativa plausível para o seu devaneio.

– Na verdade estava lembrando o quanto você esteve perto de morrer...

– Eu não estava me afogando. – Carolina explicou, pacientemente. – Eu tive uma pequena câimbra que me pegou desprevenida...

– Eu vi você afundar.

– Viu mesmo. – confirmou. – Mas não era necessário que pulasse na água para me salvar...

– Não? – Gabriel arqueou a sobrancelha descrente.

Carolina sentiu o rosto aquecer.

– Bem, como ficaria seu ego se eu contasse que... – fez uma pausa, escolhendo as palavras. –... Ganhei medalhas em torneios de natação?

Carolina pareceu tão desconfortável ao dizer aquilo que Gabe não se conteve em aumentar-lhe o desconforto.

– Arrasado! – a voz contrita expressava sofrimento.

Com os olhos fixos nas mãos que nervosamente mantinha entrelaçadas no colo, Carolina não percebeu o sorriso que se espalhava em sua face.

– Me desculpe...

– Vou pensar sobre isso.

Algo em sua voz denunciou-o, pois imediatamente Carolina encarou-o, um brilho diferente surgindo em seus olhos.

– Ora, seu... – interrompeu-se, ao ouvi-lo gargalhar. – Obrigada por preocupar-se comigo.

– Não foi nada demais. – Gabriel imediatamente se pôs sério. – Não encare como se eu...

– Gostasse de mim? – completou a frase, sua face rígida. – Eu não cometeria este erro.

Abriu a porta disposta a se afastar, antes que Gabriel percebesse o quanto estava magoada.

– Carolina...

– Não se preocupe, Gabriel. – manteve-se firme, embora estivesse arrasada. – Eu sei que homens como você jamais se envolveriam com uma mulher como eu.

Desceu do carro, lutando contra as lágrimas que se avolumavam em seus olhos. Ignorou o chamado dele e correu para o seu quarto. Uma dor terrível alojando-se em seu peito, diante de uma realidade aterradora. Estava se apaixonando por Gabriel.

Jogou-se na cama, e quase esmagou Sapeca, que preguiçosamente a encarava, deitado entre seus lençóis. Mais uma demonstração de sua propensão ao desastre, pensou, e não pôde evitar o pranto que

desabou convulsivo. Encolheu-se na cama, desejando, mais do que em qualquer outro momento, jamais ter recebido o título "Rainha do desastre".

O som da porta batendo ecoou por toda casa, levando Gabriel a perguntar-se do porque de ter concordado em investigar o projeto pessoalmente. Deveria ter se posicionado contra a idéia de Nate, desde o princípio. Quando concordou com o plano dos irmãos, entendeu que iria lidar com pessoas inescrupulosas... O que não sabia, era que iria sentir-se atraído por uma delas.

Entrou na cozinha e estranhou encontrar Fernanda ali, tomando uma xícara de café e parecendo um tanto solitária.

– Posso fazer companhia?

– Claro! – Fernanda assentiu.

Observou Gabriel sentar-se no banco do lado oposto e servir-se de uma xícara de café.

– Algum problema?

– Não. – Fernanda respondeu, para logo a seguir explicar. – O clima está um pouco pesado hoje.

– Se fala por meu comportamento no lago...

– Ah, não é só isso. – Fernanda baixou o tom de voz, como se fosse contar um segredo. – Carmem e Pedro tiveram uma discussão horrível logo após o episódio do lago. Por um momento esqueceram que eu estava presente... Foi estranho.

Gabriel franziu a testa. Resolveu sondar o nível da discussão.

– Provavelmente terão feito as pazes no jantar.

– É, pode ser... – Fernanda concordou. – Mas eles não deviam deixar os problemas profissionais interferirem no relacionamento deles, não acha? Bem, vou subir e descansar um pouco.

– Fique a vontade. – Gabriel respondeu perdido em seus pensamentos.

Carmem e Pedro discutiram sobre o trabalho? Sobre o que poderia ter sido? Desde que os informara que fariam parte do projeto, não

notara nenhuma animosidade dos dois. Carmem parecia tímida por demais e falava somente o necessário. Pedro era um pouco mais falante e parecia sempre pronto a ajudar, com alguma sugestão. O que teria levado-os a discutir?

Balançou a cabeça, desanimado. Pediria a Nate que investigasse os dois engenheiros. Apesar de seu irmão acreditar que Carolina era culpada, pretendia esgotar qualquer possibilidade antes de acusá-la. Se ao menos houvesse uma possibilidade... Enquanto isso, o melhor seria não se aproximar de Carolina. Aproveitaria que ela estava magoada com ele para evitá-la. Deus era testemunha do quanto era difícil resistir àquela adorável e atrapalhada mulher.

– Eu não sei como farei dessa vez. – a voz tensa denunciava todo o nervosismo. – Ele não está dando brechas.

– Cuide disso! – o tom rude impunha-se mesmo por telefone. – Nós temos um trato.

– Eu sei, eu sei... – respondeu, impaciente. – Vou dar um jeito. Mas... Vai demorar um pouco mais.

– Eu não vou esperar muito tempo. – o tom era impaciente. – Já temos um cliente para este projeto e ele está me pressionando.

– Você não devia ter negociado antes de ter o projeto em mãos!

– É para isso que você está aí. – retrucou. – Agora se mexa!

– Tudo bem. – suspirou. – Ligo quando tiver notícias.

– Estarei esperando. – fez uma pausa para que suas próximas palavras tivessem efeito. – Mas lembre-se: Eu não sou uma pessoa paciente.

Após ouvir o "clic" do telefone sendo desligado no outro lado, desligou o aparelho cuidadosamente. Olhou para todos os lados, certificando-se de estar completamente só. A escuridão da velha casa de fazenda, encobrindo seu telefonema fortuito. Cuidadosamente subiu para o seu quarto, imaginando as possibilidades de cumprir o que tinha prometido. Não seria fácil...

"Vigiem e orem para que não sejam tentados. O espírito está pronto para resistir à tentação, mas o corpo é fraco. (Mateus 26:41)"

Capítulo VII

Carolina acordou sentindo-se péssima. O jantar da noite anterior fora desgastante. Carmem e Pedro pareciam ter brigado. Gabriel, embora um anfitrião educado, mal lhe dirigira a palavra, e até mesmo Fernanda, sempre tão esfuziante, permanecera a maior parte da refeição calada.

Resolveu tornar uma ducha enquanto lembrava-se da fatídica refeição. O clima já estava pesado, mas a situação conseguiu tornar-se mais constrangedora quando inadvertidamente derrubara a jarra de suco e o líquido fora parar nas roupas de Gabriel que, furioso, levantou-se da mesa sem ao menos dar atenção ao seu pedido de desculpas.

Não entendia o que deixara Gabriel daquele jeito. Ora, ele a ofendera, a magoara... E agora a tratava como se fosse a culpada por todos os problemas da humanidade! Homens! Seria uma prova de fogo levar aquele projeto adiante.

O pior é que seu corpo se negava a reconhecer o perigo! Bastava estar próxima a Gabriel para sentir o corpo aquecer. Agora mesmo podia relembrar nitidamente os beijos que trocaram. A fome. A paixão. Jamais sentira algo tão forte por nenhum outro homem. Ninguém conseguira fazê-la tremer desejo...

Terminou seu banho e voltou para o quarto enrolada na toalha macia. Estancou, surpresa, ao encontrar Gabriel esparramado em sua cama, como se pertencesse aquele lugar.

– Gabriel... O que faz aqui?

– Estou apreciando a vista.

O rosto de Carolina tingiu-se de vermelho enquanto o encarava constrangida e irritada.

– Você deveria bater na porta, antes de entrar em meu quarto.

– Eu bati. – Gabriel retrucou tranqüilamente. – Mas você estava no banho e então resolvi esperar.

– Bem, eu preciso me trocar.

– Vá em frente. – ele sorriu marotamente. – Aja como se eu não estivesse aqui.

Os olhos de Carolina brilharam ante o desafio. Deveria entrar no jogo de Gabriel? Deixar-se levar por aquele homem, sem importar-se com as conseqüências? Encarou-o tentando ler o que se passava por sua mente... O que pretendia com aquele jogo?

– Gabriel... – a voz saiu num sussurro.

– Carolina... – murmurou num leve tom de zombaria.

Carolina respirou fundo, em busca de ar. Poderia entrar no jogo de Gabriel? Questionou-se. Poderia seduzi-lo? Não tinha nada a perder... Sem desviar o olhar, segurou a toalha com as duas mãos. Viu Gabriel engolir em seco.

– O que foi? – sorriu maliciosa. – Achou que não aceitaria o desafio?

Gabriel suou frio. Aquela maluquinha iria mesmo fazer aquilo? O que começara como brincadeira parecia estar encaminhando-se para algo além das suas mais loucas expectativas... Porque se Carolina retirasse aquela toalha, com certeza esqueceria todas as resoluções do dia anterior de manter-se afastado. Todas as desconfianças, as cobranças dos irmãos... Mandaria tudo para o alto sem pensar nas conseqüências.

Carolina aproximou-se um pouco mais e tropeçou em Sapeca, que miou ressentido aos seus pés, um momento antes de cair esparramada sobre o corpo de Gabriel.

– Confesso que estou adorando ter você caindo em meus braços. – ele sussurrou um momento antes de apossar-se de seus lábios.

Carolina entregou-se ao beijo, as mãos apoiadas no tórax rijo e o coração disparado como se houvesse corrido uma maratona. Era inebriante sentir os lábios masculinos colados nos seus, a língua morna invadindo, torturando, acariciando cada recanto de sua boca como se a degustasse.

As mãos de Gabriel pousaram em seus quadris, pressionando-a de encontro a seu corpo e a inegável prova de sua excitação. Carolina gemeu e movimentou-se de encontro a ele, o desejo sobrepujando a razão.

Enlouquecidos de desejo, não escutaram as leves batidas na porta que precederam o flagrante constrangedor.

– Oh! Desculpem-me. – Fernanda gaguejou da porta do quarto. – Eu bati... Carmem está impaciente... Desculpem-me...

Carolina observou a entrada intempestiva de Fernanda e, conseqüentemente, sua constrangedora saída, apoiada no corpo de Gabriel, que parecia divertir-se com a cena. Com a face rubra e os pensamentos caóticos, tentou desvencilhar-se dele.

– Por favor, não se mova. – Gabriel aprisionou-a em seus braços. – Meu corpo precisa de um tempo para... Entender que a brincadeira acabou.

Imediatamente ficou imóvel em seus braços, despertando em Gabriel o desejo de testar aquela aparente imunidade. Se não fossem as pessoas que os esperavam lá em baixo... Ao lembrar-se disso, rolou seu corpo, de forma a ficar por cima e depositou um beijo casto nos lábios de Carolina, antes de levantar-se.

– Você deve ter um excelente anjo da guarda.

Carolina o viu afastar-se e a portar fechar após sua passagem. Sentou-se na cama e ao olhar-se no espelho assustou-se com sua aparência. Os cabelos emaranhados em conjunto com os lábios inchados e os olhos brilhantes eram um retrato dos momentos de desejo que vivera nos braços de Gabriel. Estava perdida!

Por que aceitara seu desafio? Sabia que não tinha controle sobre o seu corpo quando estavam juntos. Se não fosse a entrada intempestiva de Fernanda naquele quarto, teria se esquecido de tudo nos braços daquele homem. Um homem que escondia segredos e que deixava claro que não confiava nela... Mas que incendiava seu corpo com um simples olhar.

Gemeu desesperada. Como se afastar da tentação? Levantou-se, se preparando para enfrentar os olhares das pessoas que a esperavam

no andar de baixo. Vestiu um jeans simples e uma camiseta estampada. As sandálias baixas completavam o visual. Prendeu os cabelos revoltos em um coque baixo e respirou fundo. Ao descer, estranhou o silêncio e, intrigada, caminhou até a cozinha. Encontrou Fernanda sozinha, tranqüilamente tomando uma xícara de café.

– Onde estão todos?

– Estão vistoriando o terreno onde ficará o complexo esportivo. - comentou sem nem ao menos levantar os olhos. – Gabriel me incumbiu de esperá-la aqui.

Constrangida, Carolina sentou-se e se serviu de uma xícara de café antes de levantar o assunto de forma cautelosa.

– Quanto ao que você viu...

– Não precisa dar explicações. – Fernanda interrompeu-a rapidamente. – Espero que você saiba o que está fazendo.

Carolina deu um longo suspiro e balançou a cabeça em negativa.

– Eu estou confusa... Nunca antes eu... Senti-me assim. – desviou os olhos antes de completar. – É assustador.

– Então tome cuidado. – Fernanda falou num tom de voz completamente diferente. – Eu não confio neste homem.

– Por que não?

– Olhe para isto! – fez um gesto amplo. – Algum outro projeto se desenvolveu desta maneira?

– Não, mas...

– Eu não sei o que o Sr. Angelis pretende... – Fernanda interrompeu com voz sombria. – Mas não vou deixá-lo destruir tudo o que conquistei.

– Por que diz isso?

– Ora, Carolina... – Fernanda levantou-se, impaciente. – Não percebe que estamos numa espécie de teste?

– Teste?

– Bem, não sei se é realmente um teste. – Fernanda segredou. – Mas acho que não estamos aqui somente pelo projeto...

Carolina ponderou sobre as palavras da amiga. Gabriel estaria realmente testando-os? Mas por que faria isso? Lembrou-se das vezes em que desconfiou que ele pudesse estar escondendo algo... Poderia Fernanda estar certa?

– Eu só comentei minhas suspeitas para que você tome cuidado.

Carolina buscou os olhos de Fernanda, tentando descobrir algo mais, mas ela virou-se de costas e pôs-se a lavar a xícara na enorme pia da cozinha. Carolina terminou seu café com a cabeça repleta de questões e nenhuma resposta.

Rapidamente foram para o carro e seguiram em direção ao local do projeto onde os outros estavam. Fernanda permanecia silenciosa, não parecia ter noção do peso que jogara em seu coração.

Gabriel observava Carolina que o ignorava ostensivamente. Droga! Pensara ter revertido à situação entre eles, mas parecia que estavam de volta à estaca zero. Irritou-se profundamente com a voz monótona de Carmem esclarecendo detalhes do projeto, com o olhar atravessado de Fernanda e com o afastamento de Carolina.

Um sentimento de raiva formou-se em seu interior. Estava frustrado, cansado e sentindo-se pressionado com a cobrança dos irmãos para que resolvesse logo a situação. Em dois dias voltariam ao escritório e estava tão perto de encontrar as respostas para suas dúvidas quanto no dia em que chegaram.

E como se não bastasse, havia o desejo insano por aquela que poderia ser a responsável pelos problemas na empresa. Bastava olhar para Carolina para sentir seu corpo agitar-se. Tocá-la deixava seu corpo aceso como não lembrava ter estado em nenhum outro momento. A situação estava fora de controle. Precisava de reforços... Urgente.

Chamou a atenção do pequeno grupo e declarou as atividades do dia encerradas. Antes que pudesse se oferecer para levar Carolina de volta a casa, ela já havia se dirigido ao outro veículo com Fernanda e arrancava sem olhar para trás. Praguejando, entrou no próprio veículo, acompanhado por Carmem e Pedro, seguindo na mesma direção.

Carolina evitou aproximar-se de Gabriel durante todo o restante da tarde. Não se sentia preparada para encará-lo depois da conversa com Fernanda. Evidentemente percebera que Gabriel escondia algo, mas doía imaginar que a sedução dele era planejada.

Preparou-se para o jantar, um delicado vestido verde de estampa floral e sandálias baixas. Dispensou a maquiagem, o rosto corado devido às atividades ao ar livre, aplicando somente uma camada de batom em seus lábios. Plantou um sorriso no rosto e desceu as escadas, mas o sorriso se desfez ao perceber que somente Gabriel encontrava-se no ambiente. De costas para ela, observava a noite, apoiado displicentemente à janela.

– Eu acredito que precisamos conversar. – Carolina falou.

Girando o corpo de maneira indolente ele encarou-a, algo estranho brilhando em seus olhos ao fitá-la.

– Acredita? – arqueou levemente a sobrancelha.

– Bem, depois do que aconteceu no meu quarto hoje pela manhã...

– No seu quarto? – um sorriso zombeteiro surgiu em seus lábios. – Oh, claro...

Carolina o observava, incomodada. Havia algo estranho naquela conversa que ela não estava conseguindo detectar.

– Você não acha que...

– Não diga mais nada. – a ordem vinha da voz de Gabriel, mas soava às suas costas.

Carolina observou as duas versões de Gabriel a sua frente, no momento em que ele se aproximou.

– Mas o que...

– Carolina, eu gostaria de lhe apresentar Micael Angelis. – encarou o irmão, advertindo-o de que haveria revide, e completou. – Mica, esta é Carolina Torres.

– Encantado. – Micael tomou a mão de Carolina na sua e beijou-a galante.

– Eu pensei que você fosse... – Carolina puxou a mão irritada por ter feito papel de boba. – Divertiu-se?

– Ah, bastante! – Mica sorriu com gosto. – Senti-me novamente com onze anos de idade, quando enganamos Madalena. Nossa, ela ficou furiosa!

– Imagino. – Carolina disse, sorrindo, não resistindo ao sorriso fácil de Micael. – O que ela fez?

– Ela jogou uma pedra na cabeça de Nate. – Mica disse, desfazendo o sorriso. – Ele ficou furioso, porque não havia participado da brincadeira.

– Nate?

– Meu outro irmão... Gêmeo. – Gabriel esclareceu. – Querem beber alguma coisa?

– Hum... Acho que prefiro conversar com Carolina. – Mica levou-a ao sofá e indagou zombeteiro. – Mas então me conte o que meu irmãozinho estava fazendo em seu quarto?

– Não acho que... – Carolina esquivou-se da pergunta.

– Hum... Existem... Alguns detalhes sórdidos?

Gabe bufou e Carolina escondeu o sorriso que brotou em seus lábios. Parecia-lhe que Micael brincava com fogo. Mica percebeu o comportamento de Gabe e piscou cúmplice, antes de espezinhar o irmão...

– Talvez possamos ir até o meu quarto e você me mostra?

– Já chega, Micael.

A ordem foi proferida num tom enfurecido, que fez Carolina estremecer, mas nem sequer abalou o simpático Mica. Ignorando a aparente fúria de seu irmão, ele voltou a conversar com Carolina como se o irmão não estivesse na sala.

– Mas então me conte Carolina... Como é trabalhar para este sujeito mal-humorado?

"Não vos esqueçais da hospitalidade, porque por ela alguns, sem o saberem, hospedaram anjos. (Hebreus 13:2)"

Capítulo VIII

A presença de Micael à mesa do jantar foi como uma refrescante chuva de verão em um dia de calor insuportável. O médico esbanjou todo o seu charme já conhecido pelas colunas sociais, conquistando a atenção das mulheres à mesa. Fernanda parecia encantada e até mesmo a sempre séria Carmem derreteu-se diante de Mica.

Em contrapartida, o humor de Gabriel parecia cada vez pior, a ponto de questionar-se se fora uma boa idéia pedir reforços aos irmãos. Cada vez que Micael aproximava-se para falar com Carolina uma veia latejava visivelmente em seu pescoço. Afora isso, Carolina parecia ter se esquecido de sua presença à mesa, visto que não lhe dirigira a palavra.

A risada de Mica preencheu o ambiente e logo Gabe pôde entender o que havia acontecido. Carolina esbarrara na taça de vinho e molhara a camisa de Micael. As risadas se deviam ao comentário espirituoso que seu irmão fizera...

– Ah, querida! Se você queria me ver sem camisa bastava pedir...

Tão ridículo e ao mesmo tempo tão esperto! Mica parecia ter percebido que os outros ocupantes da mesa esperavam por outra atitude sua, e, como sempre, surpreendera a todos. Talvez Carolina não tivesse a mesma sorte se o fato ocorresse com Natanael. Infelizmente Nate estava se tornando cada vez mais intransigente.

Observando o modo como Mica olhava para Carolina, Gabe tentou decifrar quais eram as intenções de seu irmão. Não era segredo para todos que Micael era um ardoroso fã de mulheres bonitas e que estas viviam a sua volta como abelhas no mel. Seus olhares se encontraram e Micael sorriu zombeteiro, como que adivinhando seus pensamentos.

Incomodado, Gabriel deu sua refeição por encerrada e, antes de sair da mesa, olhou significativamente para o irmão, alertando-o que precisavam conversar. Rumou para o escritório, logo após encarar

Carolina por alguns segundos. O ambiente da sala ficou tenso por alguns minutos, mas Mica logo tratou de desanuviar o ambiente.

– Se quiserem falar mal do meu irmão, este é o momento!

– Não faríamos isso! – Pedro protestou.

– É claro que não. – Fernanda ponderou. – Micael está somente nos provocando.

– Estou?

Todos riram novamente, mas apesar dos sorrisos, uma das pessoas a mesa de jantar quase não podia esconder sua preocupação. A chegada de Micael não estava nos planos e isto poderia ser um sinal de que estavam desconfiados de alguma coisa. Precisaria fazer uma ligação e saber quais deveriam ser os próximos passos. Por enquanto, iria apenas observar os dois irmãos bem de perto.

Após o jantar, dirigiram-se para a varanda e conversaram sobre trivialidades. Micael era um excelente contador de histórias, o que tornou a noite bem mais divertida. Pedro e Carmem foram os primeiros a se retirarem. Logo depois, Mica pediu licença e também se retirou. Carolina e Fernanda continuam a conversar.

– Bem, foi uma surpresa este irmão gêmeo. – Fernanda exclamou. – Um homem bonito deste jeito é um perigo, imagine dois?

– Na verdade são três. – Carolina sorriu ante a expressão incrédula da amiga. – Eles são trigêmeos.

– Bem, isso não importa muito. – Fernanda continuou. – Apesar de que acredito que se fosse Micael a dirigir o projeto, este seria menos... Estressante.

– Gabe é um excelente profissional. – observou Carolina, defendendo-o.

– Sim, ele é. – Fernanda apoiou. – Mas o humor dele é tão variável quanto o clima do Rio de Janeiro.

– É verdade.

Ficarem em silêncio por alguns minutos até que Fernanda perguntou.

- Conversou com ele?
- Ainda não.
- Tem que questioná-lo. – Fernanda afirmou. – Não pode continuar com estas dúvidas.
- Soube de mais alguma coisa?
- Não... Somente que Pedro está cada vez mais calado e Carmem cada vez mais nervosa. – suspirou.
- Em pouco tempo estaremos de volta ao escritório. – Carolina fingiu entusiasmo. – Tudo voltará ao normal.

Fernanda não a contradisse, mas o descrédito estava estampado em sua face. Carolina desviou os olhos, recusando-se a deixá-la perceber suas dúvidas e inquietações, pois elas não se referiam somente ao trabalho. Preocupava-se em como conseguiria trabalhar ao lado de Gabriel e resistir ao desejo cada vez maior de se entregar. Perdida em devaneios, não percebeu Fernanda despedir-se e retirar-se para o quarto.

- Afaste-se dela.

Micael recebeu a ordem, no momento em que entrou no escritório. O ambiente estava pouco iluminado, mas pôde perceber Gabe apoiado na janela, com um copo de uísque nas mãos. O semblante do irmão não escondia o sentimento que o comandava naquele momento. O mais puro e genuíno ciúme.

- Suponho que esteja falando da bela Carolina? – Mica perguntou.
- Afaste-se dela, Micael. – Gabe repetiu. – Eu estou falando sério.
- Hei! – Mica espalmou as mãos para cima. – Eu sou inocente. – sentou-se à vontade no sofá antes de dizer. – Simplesmente fui gentil e educado.

Gabriel lançou-lhe um olhar tão descrente que Mica bufou!

- Gabe, eu posso ser um... Habitual apreciador de mulheres, mas jamais olhei duas vezes para uma mulher na qual você tivesse interesse.

Entornando todo o conteúdo do copo de uma só vez, Gabriel depositou-o em uma mesinha lateral e sentou-se no sofá. Passou as mãos no cabelo num gesto que transmitia seu desconforto, antes de encarar o irmão.

– Desculpe-me. – sua voz demonstrava cansaço. – Não sei o que deu em mim.

– Ah, mas eu sei. – Micael não perdeu a oportunidade de cutucar o irmão. – Você está morrendo de ciúmes!

– Não estou!- Gabriel negou instantaneamente.

– Claro que está! – Mica confrontou. – E com razão, afinal eu sou muito mais bonito que você.

– Nós somos gêmeos idênticos. – Gabriel lembrou-o sucinto.

– É verdade... – Mica suspirou exageradamente. – Mas... Se não sou o mais bonito, por que as mulheres me adoram?

Ignorando as gracinhas do irmão, Gabriel levantou-se e serviu-se de uma nova dose no mini bar, antes de tornar a sentar. Antes que pudesse expor os seus confusos sentimentos a Micael, este expressou num tom surpreendentemente sério.

– Você tem sorte por Nate ter me mandado até aqui. – Gabriel surpreendia-se com a capacidade que seu irmão tinha de concentrar-se em assuntos sérios poucos segundos após uma agradável brincadeira. – Todos os nossos esforços deveriam estar focados na identificação da golpista que está prejudicando os nossos negócios.

– Eu sei disso. – Gabriel sentiu-se ofendido com a sucinta reprimenda de seu irmão. – Estou atento a todos os convidados.

– Percebi. – Mica arqueou a sobrancelha. – Sua atenção recai de modo mais intenso sobre certa morena de olhos negros.

– Mica...

– Tudo bem... – Micael calou-se relutante. – Há alguma maneira de descobrirem que foram afastados... Da empresa?

– Claro que não! – Gabriel exclamou. – Para eles esta é uma simples inspeção para o projeto.

– Bem, então tudo está correndo como o desejado. – suspirou, aliviado. – Enquanto você se divertia junto a tão agradáveis pessoas... As câmeras de segurança foram instaladas – Micael passou a relatar as providências que Nate e ele providenciaram. – O detetive assumiu uma vaga de faxineiro e está fazendo amizade com os funcionários da empresa.

– Ótimo!

– Papai contatou o Sr. Laredo e este concordou em participar do nosso plano. – olhou para o irmão, antes de informar. – Hora do show.

– Amanhã, logo pela manhã, deixaremos escapar o nome do Sr. Laredo.

– Hum, acho que poderíamos fazer mais do que isso. – Mica comentou, malicioso. – Que tal uma pequena rusga entre irmãos?

– Bem, não tentamos algo assim desde o nosso último verão juntos.

– Gabriel estava indeciso. – E não deu muito certo.

– Era o último verão que passávamos em casa antes de irmos para o exterior. – Mica sorriu zombeteiro. – Tinha que ser memorável.

– Nate provavelmente discorda de você.

– Hum, não tenho tanta certeza. – Mica baixou a voz e disse em tom de segredo. – Nós nunca descobrimos o que aconteceu quando ele encontrou Madalena em seu quarto.

– Eu sei o que aconteceu. – Gabe disse sério. – E não devemos brincar com isso.

– Nate contou a você? – Micael perguntou surpreso. – Não achei que ele...

– Nate não fala sobre isso. – Gabe cortou o irmão. – Foi Madalena que... Esqueça! Isso não nos diz respeito.

– Tudo bem. – Mica encerrou o assunto. – E quanto a amanhã? Que tal você se aborrecer comigo?

– Isso vai ser fácil. – um sorriso despontou no rosto de Gabriel. – Não vou nem precisar fingir...

– Gabe!

– Ok, me desculpe. – Gabe sorriu. – Então? Brigaremos por que motivo?

– Tenho certeza que você pensará em algo. – Mica respondeu brincalhão. – Agora vou me recolher... Onde vou dormir?

– Em meu quarto. – Gabe respondeu. – Os outros estão ocupados.

– Tanta mulher bonita nesta casa... – Mica saiu resmungando. –... E vou dormir com meu irmão.

Gabriel ficou um bom tempo no escritório pensando sobre o que fazer no dia seguinte. As coisas estavam caminhando da maneira como ele e seus irmãos haviam combinado e agora nada poderia deter as investigações. Gabriel estava confuso com os sentimentos que o tomavam de assalto.

Pegou seu copo e saiu para a varanda em busca de ar fresco. O desejo de que descobrisse a culpada era quase tão grande quanto o medo de a culpada ser Carolina. Sentia-se cada vez mais preso em sua própria armadilha.

Na varanda, encontrou Carolina adormecida em uma das cadeiras. Aproximou-se e chamou-a baixinho.

– Carolina...

Nada. Somente um ressonar profundo. Depositando o copo na mesinha, Gabriel apanhou-a em seus braços. Sentiu-a aconchegar-se em seu peito e gemeu. Até mesmo dormindo a desastrada arquiteta conseguia seduzi-lo. Subiu as escadas e levou-a para o quarto.

Pretendia depositá-la cuidadosamente na cama, mas o maldito gato atravessou seu caminho, levando-o a cair em meio aos travesseiros, trazendo Carolina consigo.

– Gabe? – Carolina perguntou, confusa, a voz sussurrada em meio ao sono.

– Shh. – Gabe murmurou. – Está tudo bem.

Acariciou seus cabelos suavemente até Carolina novamente pegar no sono. Quando sentiu que estava totalmente relaxada em seus braços, deitou-a cuidadosamente na cama e removeu suas roupas e

sapatos, deixando-a somente de lingerie. Percebeu que era hora de deixá-la e ir para o seu quarto. Ao invés disso, tirou suas próprias roupas e sapatos e juntou-se a ela na cama confortável.

Dormir junto ao corpo macio de Carolina seria uma verdadeira tortura, mas provavelmente era preferível a dormir com seu irmão. Gabriel respirou fundo e preparou-se para passar grande parte da noite acordado, mas pouco tempo depois de aconchegar-se junto à Carolina, foi vencido pelo sono.

– Alô?

– Já conseguiu o que eu quero?

– Ainda não. – respondeu, profundamente tensa. – Temos problemas aqui... Ele chamou o irmão...

– Seu tempo está se esgotando. – o tom rude e raivoso se fez ouvir.
– Você já sabe que não admito falhas.

– Eu nunca falhei.

– Até agora. – a voz do outro lado soou impaciente. – Preciso que você conclua este serviço imediatamente!

– Estou fazendo o possível e...

– Pois faça o impossível. – a voz soou cortante. – Não quero ouvir mais desculpas... Da próxima vez que me ligar...

– Estarei com os projetos. – falou completamente submissa. – Este irmão dele é um mulherengo. Provavelmente não será um problema.

– Faça o que tiver que ser feito. – o tom não admitia réplicas. – E lembre-se... Não tente me enrolar...

– Nunca!

Mas o som de ligação interrompida foi a única coisa que ouviu. Recolocando o aparelho no lugar, subiu as escadas pé ante pé e voltou para o quarto. Despiu o roupão e aconchegou-se junto ao homem que jazia adormecido em sua cama.

"O amor e a verdade estão unidos entre si, como as faces de uma moeda. É impossível separá-los. São as forças mais abstratas e mais poderosas desse mundo. (Mahatma Gandhi)"

Capítulo IX

A respiração pesada em sua nuca alertou-a de que não estava sozinha, juntamente com outros sinais que ignorara em meio às brumas do sono. Uma perna máscula estava entrelaçada a sua e uma mão repousava em seu regaço. Carolina desvencilhou-se com cuidado, virando-se de frente para o homem que dormia tranqüilamente ao seu lado.

Suspirou baixinho, Gabriel era lindo! O sono conferia a sua face a serenidade que não existia quando ele estava acordado. Não resistiu a vontade de acariciar-lhe o rosto e tão entretida estava nesta tarefa que não percebeu que ele abrisse os olhos e a encarava. Seus olhos se encontraram e Carolina sentiu-se queimar perante o desejo que brilhava nos olhos azuis.

– Ah! Esta é a mais linda visão que já tive ao acordar. – Gabe sussurrou.

Segurou a mão que acariciava seu rosto e a trouxe para seus braços. Estava tão próximo que podia sentir cada pedacinho do corpo feminino junto ao seu. O olhar que Carolina lhe enviou fez Gabriel perceber que também ela podia sentir cada parte de seu corpo, principalmente uma parte que crescia e se tornava incrivelmente rígida.

Ignorando o alarme incessante que o mandava se afastar, Gabriel colheu os lábios nos seus e degustou-os como a uma fruta madura e succulenta, mordendo, lambendo, sugando. Carolina gemeu e entregou-se ao beijo, tão faminta quanto Gabe. Abraçou-o, manifestando seu desejo de ser devorada... De ser possuída.

Carolina não queria pensar em nada mais que não fosse o corpo de Gabriel junto ao seu. As mãos que passeavam por seu corpo deixando um rastro de fogo por onde passavam. Ele passou a depositar pequenos e úmidos beijos por todo o seu rosto e estava... Se afastando?

Surpreendentemente, Gabriel conseguiu levantar da cama e afastar-se de Carolina. Considerando a maneira como estava excitado, era de se surpreender que conseguisse formular um pensamento lógico! Mas, por mais absurdo que pudesse parecer, as palavras de Micael não lhe saíam da cabeça. “Todos os nossos esforços deveriam estar focados na identificação da golpista que esta prejudicando os nossos negócios”.

– Gabe? – Carolina sentou-se na cama.

Nossa! Aquele não era realmente o melhor momento para lembrar-se dos problemas da empresa, mas levando-se em consideração que Carolina poderia... Um som, mais parecido com um rugido, escapou de seus lábios.

– Eu sinto muito.

Gabriel olhou para Carolina... Ela estava linda! Vê-la assim, em meio aos lençóis, os cabelos desarrumados, os lábios ainda vermelhos por seus beijos... Pegou suas roupas e começou a vesti-las apressadamente. Aproximou-se da cama e beijou-a apressadamente, antes de sair do quarto como se mil demônios o perseguissem.

Gabriel entrou em seu quarto e ficou visivelmente satisfeito por não encontrar seu irmão por ali. Dirigiu-se ao banheiro e, tirando as roupas, entrou em baixo do chuveiro... Frio. Seu corpo doía de desejo e ele o aplacou como não fazia desde que era adolescente. Fora um erro dormir ao lado de Carolina...

Que droga! Não via a hora de resolverem os problemas da empresa... Queria acreditar que Carolina não era culpada e que os dois teriam uma chance quando tudo se esclarecesse. Mas e se Carolina fosse realmente culpada? O que iria fazer?

Carolina ainda olhava para a porta, sem acreditar que Gabriel havia ido embora. Ele a desejava. Não imaginara aquilo... Então por que se afastara como se ela tivesse algo contagioso? No mesmo momento lembrou-se de Fernanda alertando-a sobre aquele homem. Será que realmente havia mais por trás das atitudes de Gabriel?

Se aquele homem achava que poderia brincar com seus sentimentos estava muito enganado. Podia ser atrapalhada, mas era uma

excelente profissional e nem mesmo seus confusos sentimentos em relação a ele mudariam este fato. Se o Sr. Gabriel Angelis estava, como Fernanda sugerira, testando os funcionários...

Rumou para o banheiro, decidida a tomar um longo e relaxante banho. Preferia não ter que encontrara com Gabriel, mas era inevitável. Ele era o chefe. Vestiu-se, uma calça jeans e uma camiseta branca, e calçou as sandálias. Penteou os cabelos molhados deixando-os soltos. Depois de arrumar a cama e seus pertences, percebeu que não podia ficar trancada no quarto durante o restante do dia.

Estava no topo da escada quando sentiu uma mão em suas costas. Perdeu o equilíbrio e rolou pelos degraus, uma dor torturante a fez perder a consciência. Antes de mergulhar na escuridão, uma constatação terrível formou-se em sua mente. Alguém a empurrara para que caísse da escada. Alguém tentara matá-la!

Micael abriu a porta para entrar em casa e deu um grito horrorizado, ao mesmo tempo em que Maria corria da cozinha em direção ao corpo de Carolina.

– Não toque nela! – berrou, depois mais calmo. – Eu vou examiná-la para ver se há alguma lesão mais profunda.

Neste momento Pedro, Carmem e Fernanda apareceram no topo da escada. Logo sendo afastados por Gabriel, que, aflito, desceu as escadas, parando ao lado do irmão.

– Ela está...

– Viva. – Micael falou, enquanto terminava de examiná-la. O braço estava fraturado e havia um enorme galo formando-se em sua cabeça. – Alguém pegue a minha maleta.

Maria correu até o carro de Micael e trouxe sua maleta. Ele imobilizou o braço de Carolina com uma tala enquanto Gabriel ordenava a todos que pegassem suas coisas, pois voltariam para a cidade imediatamente. Micael preparava-se para transportar Carolina para o carro que Gabriel já havia estacionado em frente à casa.

Gabriel entrou no carro e apoiou a cabeça de Carolina em seu colo. A tez pálida em nada lembrava a face enrubescida de prazer de

momentos atrás. Estava tão imóvel que Gabe precisou verificar se estava realmente respirando. Já estavam próximas as cidades quando ele ouviu o pequeno gemido de Carolina.

– Shh... – Gabe a confortou. – Não se mova, meu bem... Estamos chegando...

- Ga-be? – Carolina murmurou com dificuldade. – O quê...?

– Sim... Você caiu da escada... – Gabe falava baixinho. – Mas estamos chegando ao hospital...

– Ga- be... Eu não caí... Eu não...

Carolina se esforçava para contar o que realmente acontecera. Gabe precisava saber que não havia sido um acidente. Alguém a empurrara... Tentou se mover, mas um dor terrível a fez desistir. Novamente a escuridão a envolveu, levando com ela a verdade sobre o que acontecera.

– Ela vai ficar bem. – Micael tentou tranquilizá-lo. – O fato de ter recobrado a consciência, mesmo que por pouco tempo, é um bom sinal.

Chegando ao hospital, Micael cuidou para que Carolina fosse atendida prontamente e fez questão de assistir ao médico que cuidaria dela. Enquanto isso, Gabriel esperava impaciente na recepção do hospital. Depois de preencher algumas fichas de internação, passou a andar de um lado para outro, se sentindo impotente. A imagem de Carolina desfalecida ao pé da escada permanecia viva em sua mente e ainda o assustava.

O movimento incessante no hospital quase fez passar despercebida a chegada de Fernanda. Um pouco pálida e parecendo bastante assustada, ela se aproximou de Gabriel.

– Ela está bem?

– Não sei... – Gabriel respondeu. – Meu irmão está com ela... Estou esperando que ele volte com alguma informação.

– Seu irmão é o médico que vai cuidar dela?

– Sim. – Disse Gabriel antes de se afastar.

Não estava com disposição para conversar com ninguém. Estava aflito com a demora de Micael em vir lhe dar informações sobre... "A rainha do desastre". Alguém tinha que cuidar de Carolina... Essa constante propensão para acidentes deixara de ser algo inofensivo. Dessa vez ela quase se matara! Em que diabos ela estava pensando, para rolar escada abaixo?

Não devia estar tão preocupado, afinal ela havia conseguido sobreviver até agora. Não podia deixar que os seus estranhos sentimentos em relação à Carolina o impedissem de levar adiante seus planos de descobrir a vigarista que estava roubando a empresa. Pode ser ela, pensou, ignorando a voz da sua consciência que lhe dizia que ele não se sentiria atraído por uma ladra. Observando Micael se aproximar com ar cansado, Gabe ficou na expectativa de más notícias, mas o sorriso matreiro de seu irmão fez com que suspirasse aliviado.

– Como ela está?

– Melhor que você, irmãozinho. – Mica brincou. – Agora, falando sério... Tirando o braço enfaixado e algumas escoriações, que não são nenhuma novidade para ela, Carolina está bem.

– E a pancada na cabeça? – Fernanda, que se aproximara para ouvir as notícias sobre a amiga, perguntou.

– Ah, isso! – Mica a observou. – Ela está com calombo do tamanho de um ovo, mas não há problemas maiores. Fizemos uma tomografia para termos certeza.

– Eu posso vê-la?

Mica e Gabe olharam ao mesmo tempo para Fernanda.

– Claro! – Mica respondeu, antes que Gabriel pudesse discordar. – Mas primeiro eu vou levar o Gabriel até lá... Ela pediu para vê-lo.

E então, dando as costas para Fernanda, Mica encaminhou-se para o quarto de Carolina arrastando o irmão com ele.

– Eu quero que você converse com Carolina, porque ela me disse algo que me deixou preocupado. – Mica cochichou.

– O que foi? – Gabriel parou abruptamente.

– Gabe... – Micael falou devagar. – Carolina parece ter certeza de que não caiu da escada.

– Não caiu? – Gabe juntou as sobrancelhas ao fitar o irmão. – Então como ela foi parar lá embaixo?

– É por isso que eu disse pra você conversar com ela. – Micael falou exasperado. – Carolina tem certeza de que alguém a empurrou.

– Ela tem certeza que alguém... – parou atordoado. – Entende o que isso quer dizer?

– Sim. – disse Micael sorrindo. – Que você pode ficar feliz! Provavelmente Carolina é inocente!

– Não! – Gabe falou horrorizado. – Que não estamos lidando com um ladrão qualquer...

– Você está dizendo que...

– Que a não ser que Carolina esteja delirando, – Gabe falou apavorado. – Estamos lidando com uma pessoa capaz de... Matar!

– Vou ligar para o Nate. – Mica disse, assustado. – Talvez esteja na hora de falarmos com a polícia.

– Não, espere! – Gabe impediu o irmão de pegar o telefone. – Deixe-me conversar com Carolina primeiro.

Micael o levou até o quarto em que Carolina estava alojada, mas Gabe o impediu de entrar junto com ele.

– Eu quero conversar com ela... A sós.

– Eu vou ficar doente de curiosidade! – Mica protestou.

– Tudo bem. – Gabe disse sem alterar sua expressão. – Estamos em um hospital.

Mica mal percebeu a porta do quarto ser fechada em sua cara. Estava espantado com a resposta do irmão.

– Isso lá é hora dele mostrar que sabe ser engraçado?

Afastou-se resmungando, decidido a ficar de olho em Fernanda. Dos suspeitos, ela era a única a estar por perto, sendo assim, não a deixaria escapar. Gabriel entrou no quarto e parou ao lado da cama de Carolina. Seus olhos estavam fechados e ela estava com uma

aparência tão frágil, que chegou a assustá-lo. Gabe sussurrou seu nome suavemente.

– Carolina.

Ela abriu os olhos e o encarou. Milhões de perguntas se formavam em sua mente e Carolina temeu não conseguir as respostas. O pânico tomava conta de todo seu corpo por perceber que havia algo maior acontecendo ao seu redor e que ela estava em perigo. Apertou os olhos na tentativa de controlar-se e ao fitar Gabe novamente, não hesitou em perguntar.

– Você... Não tem nada a ver com isso, tem?

– O que quer saber? – Gabriel não quis acreditar na pergunta que lia em seus olhos.

– Foi você... Que me empurrou da escada?

"E ele enviará os seus anjos com grande clamor de trombeta, os quais lhe ajuntarão os escolhidos desde os quatro ventos, de uma à outra extremidade dos céus. (Mateus 24:31)"

Capítulo X

– Ah, pra que eu perguntei isso? – Carolina engoliu em seco. – Como se, realmente, você fosse me dizer que me empurrou da escada...

– Carolina...

– Mas eu sabia que tinha alguma coisa errada... – continuou. – Desde o começo, meu projeto...

– Carolina...

– E agora, o que vai ser? O que vão...

– Carolina!

O tom alterado a fez calar-se. Nunca vira Gabriel com a expressão tão alterada. Encolhendo-se na cama do hospital, cravou seus assustados olhos nele.

– Eu não a empurrei da escada. – Gabriel falou firme.

Antes que Carolina pudesse retrucar, aproximou-se e colheu a mão trêmula entre as suas.

– Eu não fiz isso Carolina. – reafirmou sincero. – Mas talvez isso tenha acontecido por minha culpa.

Gabe sentou-se na beira da cama de Carolina, acariciando de leve seus cabelos.

– Antes de explicar qualquer coisa, gostaria que você me dissesse... Há quanto tempo está furtando a empresa?

– Há quanto tempo eu... – Carolina parou incrédula. – Você está louco?

– A empresa vem sendo lesada há pelo menos dois anos. – Gabriel continuou indiferente ao seu ultraje.

Carolina se exaltou com a capacidade que aquele homem tinha de ofendê-la sem ao menos piscar. Maldizendo seus ferimentos que a

impediam de avançar e socar aquele rosto perfeito, pôs-se a proferir todo um repertório de insultos.

– Seu imbecil, canalha, cafajeste... – fez uma pequena pausa para respirar. – Eu nunca levei para casa uma folha de papel que fosse... Como você tem coragem de me acusar de algo assim...

Surpreso com o ataque repentino, Gabriel começou a rir descontroladamente, o que só aumentava sua fúria.

–... E você se atreve a rir de mim? – um rubor intenso coloriu seu rosto. – Eu vou processá-lo por calúnia e difamação, seu idiota arrogante.

– Carolina, se acalme...

– Eu não vou me acalmar... – interrompeu-o. – Eu vou acabar com você... Eu vou...

Gabriel aproximou-se e beijou-a, interrompendo seus protestos. Inicialmente ela recusou-se a corresponder ao beijo, mas acabou rendendo-se aos lábios dele. Completamente enfeitiçada, viu Gabriel afastar-se e falar num tom gentil.

– Eu acredito em sua palavra de que não é responsável pelo roubo...

– delicadamente pôs um dedo em seus lábios impedindo-a de retrucar. –... Se você acreditar que eu jamais a empurraria daquela escada.

Ficaram em silêncio por alguns instantes.

– É uma questão de... Confiança... – Gabriel expôs. – Você pode confiar em mim, Carolina?

Carolina o encarava indecisa entre ouvir sua intuição, que lhe dizia que podia confiar em Gabe... Ou se deixava que as evidências o condenassem. Ele estava lhe pedindo um voto de confiança, deveria arriscar? Sim, pensou. Talvez saísse machucada... Mas estava acostumada a se machucar, não estava? Encarou firmemente os límpidos olhos azuis.

– Sim. – Falou com voz embargada.

Gabriel apertou suavemente a mão de Carolina, agradecendo por sua boa fé, antes de levá-la aos lábios e depositar um beijo na

palma macia.

– Meus irmãos e eu viajamos para o exterior em busca de especialização em nossas profissões. – Gabe disse com voz suave. – Antes de viajarmos, combinamos que ao completarmos trinta anos, voltaríamos ao Brasil e tentaríamos nos estabelecer próximos um do outro e de nossos pais...

Fez uma pausa para ter certeza que ela lhe prestava atenção.

– ... Quando chegamos ao Rio de Janeiro, nos reunimos e fizemos um novo acordo... Uma sociedade. – Gabe passou a desenhar círculos em sua palma. – Assim, Mica e Nate são meus sócios na construtora, assim como eu sou sócio de meus irmãos em seus projetos.

Carolina ouvia sem fazer perguntas. Eram visíveis os laços que uniam Gabriel a sua família. Principalmente aos irmãos, provavelmente por serem trigêmeos.

– ... Meu irmão descobriu alguns documentos comprometedores na firma e passou a investigar. – Gabriel, parecendo desconfortável, agora massageava seu pulso. – As investigações levaram Nate a deduzir que um funcionário estava negociando os nossos projetos com outras firmas.

Carolina respirou fundo imaginando que ele ainda não havia contado tudo. Repentinamente Gabriel parou o carinho em sua mão.

– Carmem, Fernanda e mais recentemente Pedro, estavam ligados de uma maneira ou de outra aos projetos roubados... Mas os projetos tinham outro ponto em comum – Gabe respirou fundo, e a encarou antes de dizer. – Todos eles... Levam a sua assinatura Carolina.

Carolina encarou Gabe, uma horrível sensação se apoderando de seu corpo. Alguém estava negociando seus projetos? Mas...

– ... Gabe, meus projetos... Nunca foram escolhidos...

– Seus projetos nunca sequer foram... Apreciados. – Gabe corrigiu.

– Mas... Como? Eu não entendo. – Carolina estava desconcertada com tantas revelações.

– Eu vou explicar... Quando um grupo de investidores encomendava algum projeto... Todos enviavam suas propostas para apreciação. Alguém... Inicialmente acreditamos que fosse você. – Gabriel teve a decência de parecer constrangido. – Enviava um projeto de qualidade inferior para a apreciação e passava o seu projeto original para uma terceira pessoa.

Gabriel fez uma pausa para ter certeza de que Carolina acompanhava as informações, antes de continuar.

– Esta terceira pessoa, oferecia o projeto por um preço menor aos investidores e assim, a nossa firma perdia o cliente.

– Oh, meu Deus! – Carolina exclamou, quando conseguiu mover os lábios. – Por isso meu projeto foi escolhido dessa vez...

– Sim. – Gabriel confirmou. – Nate acreditou que se escolhêssemos o projeto de qualidade duvidosa, que “você” enviou para apreciação, a terceira pessoa envolvida iria reagir. Por isso levamos vocês para a velha casa de Fazenda... E contamos com a ajuda de um velho amigo de meu pai que começou a dizer que este projeto da nossa firma o interessava.

– Deu certo, não foi? – Carolina perguntou com voz embargada.

– Infelizmente sim. – Gabe confirmou. – Fizeram contato com o Sr. Laredo, amigo de meu pai, e prometeram entregar o projeto.

– Onde está o projeto?

– Em algum lugar da firma.

Carolina estreitou os olhos e o encarou magoada.

– Ainda desconfia de mim?

– Não é isso. – Gabe disse preocupado. – Quanto mais você souber, mais perigo estará correndo. Alguém tentou matá-la.

– Deus, isso é um pesadelo... – Carolina murmurou. – Por favor, Deus! Eu quero acordar...

– Eu bem que gostaria que fosse um pesadelo. – Gabe tornou a acariciar sua mão. – Agora, eu me arrependo amargamente de ter começado esta investigação.

– Como você acha que eu me sinto? – Carolina explodiu. – Uma pessoa que trabalha comigo... Vem me apunhalando pelas costas há pelo menos dois anos... E agora tentou me matar!

– Não fique nervosa...

– Nervosa? Eu estou apavorada! – Carolina tentou sorrir, mas só conseguiu soluçar. – Se eu tivesse morrido hoje...

– Não pense nisso...

– O pior é saber, que por ser desastrada, todos iriam dizer... Iriam pensar...

– Eu sei... – Gabe ignorou o local que estavam e tomando cuidado com o braço engessado, trouxe-a para seus braços, embalando-a como a um bebê.

– Por favor, não chore... – Gabe pediu carinhosamente. – Suas lágrimas podem provocar uma enchente neste lugar.

Carolina ficou comovida com a tentativa de Gabe de fazê-la sorrir, mas isto trouxe mais lágrimas a seus olhos.

– Oh, Gabe!

– Carolina me escute... – segurou seu rosto entre as mãos. – Eu não vou deixar que nada de mal lhe aconteça!

Carolina fungou.

– Eu vou protegê-la. – Gabe reafirmou e passou a distribuir beijos por seu rosto úmido. – Eu prometo.

Exausta devido a todas as emoções que passara e aos medicamentos que tomara, não demorou muito tempo para Carolina adormecer em seus braços. Antes de dormir ainda o ouviu murmurar algo que soou como "Não vou perdê-la". Gabriel ficou ali, abraçando-a, como um anjo protetor. Iria cumprir o que prometera.

Não deixaria que nada de mal acontecesse à Carolina. Quando Mica entrou no quarto, ficou assustado com a expressão firme e decidida de seu irmão.

Gabe fez sinal para que o irmão saísse em silêncio. Com cuidado, ajeitou Carolina no leito do hospital e saiu de encontro ao irmão.

Precisou conter-se para não voltar ao quarto e montar guarda ao lado da cama de Carolina. Respirando fundo, fitou-o.

– Fernanda recebeu um telefonema e foi embora. – Mica disse, parecendo aliviado. – Carolina está bem?

– Ela já sabe de tudo.

– E? – Mica não fez nenhum comentário ou crítica.

– Ela está assustada, Mica. – Gabe cerrou o punho antes de dizer. – Eu vou pegar a pessoa que fez isso com ela.

– Não. – Mica protestou ao visualizar a fúria que seu irmão quase não conseguia conter. – Nós vamos pegar essa pessoa. Formamos uma equipe, mas acima de tudo...

– Somos seus irmãos. – complementou Nate, que acabara de chegar. – Acho que lhe devo um pedido de desculpas.

– Isso é verdade. – intrometeu-se Mica. – No final, a intuição de Gabe foi maior que a sua.

– Isto por que eu não trabalho com “intuição”. – Nate falou com expressão neutra. – Prefiro ouvir a voz da razão. Mas dessa vez tenho que dar o braço a torcer. Você estava certo, Gabe, não era ela.

– Não importa quem estava certo... – falou. – Eu só não quero que nada de mal aconteça à Carolina.

– Ela é importante pra você? – Nate perguntou.

– Sim. – a simples palavra estava tão carregada de sentimentos que Nate não hesitou em afirmar.

– Então, é importante pra mim também.

– E mais ainda pra mim. – Mica piscou, na tentativa de desanuviar o ambiente.

– Mica! – Gabe e Nate exclamaram ao mesmo tempo.

– Hei! Eu só estava brincando! – protestou. – Agora, quando é que teremos ação?

– Mica, você é um médico, não um policial disfarçado. – Nate cortou a empolgação do irmão. – Já contatei um policial amigo meu e ele falou para continuarmos com o plano.

– Apesar de médico... O plano foi meu! – Mica salientou, desafiando o irmão.

– Ótimo! – Gabe falou, com um olhar de advertência para Mica. – E Carolina?

– Ele vai mandar alguém para tomar conta de Carolina.

Gabe não pareceu muito contente com a idéia. Encarando Micael, perguntou.

– Quando ela vai ter alta?

– Assim que acordar... Só precisa ficar em observação um pouco mais. – Mica falou. – Por quê?

– Vou levá-la pra casa.

– Tem certeza? – Nate indagou.

– Acha que mamãe vai se importar? – Gabe perguntou.

– Está brincando? – Mica fez um esgar. – Ela vai adorar.

– Com certeza. – Nate confirmou. – Provavelmente irá começar a organizar seu casamento!

Os dois fizeram uma careta, para o que consideravam uma ameaça para Gabe. Inexplicavelmente aquilo não parecia tão terrível para o próprio Gabe. Sorriu, ignorando o olhar espantado de Nate e o sorriso zombeteiro de Mica.

*"O anjo do Senhor acampa-se ao redor dos que O temem, e os livra.
(Salmos 34:7)"*

Capítulo XI

Carolina acordou entre os lençóis macios e perfumados do quarto de hóspedes da belíssima casa da família Angelis. Suspirou profundamente, aspirando o delicioso perfume. Abriu os olhos e reparou que alguém abrira a janela do quarto e que o dia já ia longe. Levantou-se envergonhada por ter dormido até tão tarde.

Os procedimentos para sua alta só puderam ser concluídos no fim da tarde, o que deixou Gabe furioso. Apesar de Micael haver tentado apressar o processo, o médico do plantão tinha que assinar os papéis que a liberavam. Depois disso, haviam passado em seu apartamento onde sob a orientação de Carolina, que se sentara a beira da cama, Gabriel havia separado algumas de suas peças de roupa. Não pôde evitar o rubor ao vê-lo tocando suas roupas íntimas. Havia tentado dissuadir Gabriel da idéia de levá-la para casa de seus pais. Lembrou-se da conversa em seu quarto.

– Eu posso ficar aqui. – Disse hesitante. – Ou ir para casa de meus pais.

Mas ele nem sequer admitia a possibilidade de mudar seus planos. Fechando a pequena valise num gesto brusco, a encarou.

– Não pode ficar sozinha aqui com um braço imobilizado – Ponderou. – Também não acredito que seja conveniente preocupar seus pais.

Antes que ela pudesse expor algum outro argumento, aproximou-se e sentou-se a seu lado. Tocando seu rosto com suavidade, ele falou carinhosamente.

– Eu quero ter certeza de que você está segura. – Gabriel não desviou os olhos dos seus. – Na casa dos meus pais você não estará sozinha...

– Mas...

– Eu quero cuidar de você... – Disse e beijou-a suavemente nos lábios. – Não me tire este prazer... Carolina.

Seu nome fora sussurrado de encontro aos seus lábios, um segundo antes de ser beijada. A tensão entre eles era tão intensa que chegava a ser palpável. Bastava ser beijada por Gabriel para sentir-se úmida e pronta para ele. Ao tentar envolvê-lo em seus braços, uma dor aguda a fez recordar o braço engessado. Ao escutar seu gemido, Gabe desvencilhou-se praguejando algo sobre loucura. Micael os estava esperando no carro, o que lhe deu alguns minutos para esfriar sua libido e de Carolina tentar recompor-se.

Carolina aproximou-se da janela e tocou os lábios. Se fechasse os olhos poderia recordar com exatidão o sabor dos lábios de Gabe junto ao seu. Recordou o cuidado com que ele a ajudara a acomodar-se no carro e da maneira protetora com que segurara sua mão ao chegarem à enorme casa situada na Barra da Tijuca. Carolina ficara fascinada com a decoração confortável e de extremo bom gosto. Gabe lhe informara sem disfarçar o orgulho que a decoração era obra de sua mãe.

Serena Angelis a recebera com um sorriso gentil e palavras carinhosas, um brilho indefinido em seu olhar. Passara algum tempo conversando sobre as traquinagens dos filhos quando pequenos, levando todos a sorrirem e trocando olhares cúmplices com o marido, Rafael Angelis.

O pai de Gabriel a olhava como se pudesse enxergar dentro de sua alma. Era algo desconcertante, mas que longe de deixá-la irritada, fazia com que se sentisse... Em paz. Em fim, a noite teria sido maravilhosa não fosse o fato de ter dormido no meio da conversa, provando mais uma vez o quanto podia ser desastrada.

Quando Gabriel a chamara baixinho, despertando-a, nem mesmo os olhares compreensivos de Micael e do casal Angelis impediram que ficasse vermelha como um pimentão. Constrangida, desculpara-se e o acompanhou até o quarto de hóspedes, onde fora instalada. Sabendo que teria dificuldades em despir-se sozinha, Carolina não protestou quando, com extremo cuidado, ele retirou sua calça jeans, blusa e sutiã.

Havia fechado os olhos, tentando disfarçar o prazer que sentia em tê-lo tão perto. Pegando uma camisola de alças finas de dentro da valise, ajudou-a a vestir-se para dormir. Somente quando ela estava deitada embaixo das cobertas, decentemente vestida, ouviu Gabriel murmurar.

– Não sabe o quanto foi difícil pra mim... Despi-la e não tocá-la da maneira como desejo...

Sentindo que ele se aproximava, Carolina não disse nada e nem moveu um músculo, temendo que ele se afastasse de vez.

– ... Mas eu não teria conseguido parar. – Gabe confessou. – Somente a certeza de que estão me esperando lá em baixo e de que você está ferida, me fazem deixá-la neste momento.

Gabriel beijou-a com ternura, mas antes de deixar o quarto, afirmou.

– No momento em que essa confusão estiver solucionada... Seremos só nós dois.

Carolina estremeceu ante a promessa contida naquelas palavras. Não demorou muito a dormir, um sono pesado e repleto de sonhos com Gabriel. Suspirou e apoiou-se na janela, para logo em seguida afastar-se tensa ao ouvir suaves batidas na porta.

– Entre. – respondeu.

No instante seguinte uma linda jovem, provavelmente da sua idade, entrou no quarto. Grandes olhos cor de mel adornavam o rosto de feições delicadas. As sardas no nariz combinavam perfeitamente com os cabelos cor de fogo e a boca larga que se abria em um lindo sorriso.

– Olá, bom dia! – a voz suave preencheu o quarto. – Eu me chamo Madalena, mas pode me chamar de Lena.

Antes que Carolina pudesse esboçar alguma reação, a moça se aproximou e deu-lhe um beijo em cada lado da face.

– Tia Serena me pediu para ver se você estava bem. – ela tagarelou enquanto sentava-se na beira da cama. – Gabe me ligou pra pedir que eu viesse até aqui.

– Ele ligou?

– Sim. Eu tenho experiência em cuidar de pessoas imobilizadas. – disse, e uma sombra cruzou seu olhar. - Deve ser difícil ter um braço imobilizado, mas você teve sorte! Imagine cair da escada e só quebrar um braço!

Imediatamente seu rosto se tornou rubro e tentou se desculpar.

– Quer dizer, é claro que você não teve sorte ao cair... Eu não quis dizer...

– Tudo bem, Lena. – Carolina não resistiu e sorriu espontaneamente.

– Eu entendi o que você quis dizer.

- Bem... Eu trouxe algumas coisinhas que podem ajudar. – Madalena disse mudando de assunto e só então Carolina percebeu que ela portava uma valise. – Primeiro, o básico...

Ela pegou uma bolsa plástica e eficientemente envolveu com extremo cuidado o gesso de seu braço.

– Como o chuveiro esta fora de questão... – Ela continuou enquanto retirava um frasco da maleta. –... Eu trouxe esses sais de banho para despejar na banheira.

Dito isso, ela rumou para o banheiro e colocou a banheira para encher.

– Escolhi uma fragrância de lírios... – Madalena fez uma pequena pausa para respirar, enquanto seus olhos vistoriavam todo o quarto, parando na maleta que Gabe preparara no dia anterior. – Gabe me disse que...

– Gabe falou de mim?

– Oh, sim! Ele me disse para cuidar muito bem de você. – ela disse tranqüilamente. – Disse também que você tem certa propensão para... – baixou a cabeça envergonhada. –... Acidentes.

Foi à vez de Carolina ficar rubra de vergonha.

– Mas não se preocupe. – Madalena tornou a falar, após separar um vestido leve e esticá-lo em cima da cama. – O lírio é uma flor considerada mágica, vai protegê-la contra as más vibrações.

– Verdade? – Carolina indagou descrente.

- Hum, hum. – Madalena confirmou, enquanto a ajudava a tirar sua camisola e entrar na banheira. – Apóie o gesso na borda e tome cuidado... Quando terminar me chame.

Antes que Carolina pudesse dizer alguma coisa ela saiu do banheiro, lhe dando alguma privacidade. Aquela mulher parecia ter a energia de um furacão, sob a aparência delicada. Lembrou de que já ouvira o seu nome antes, quando conhecera Micael. Ele havia dito que já haviam enganado-a. Banhou-se com cuidado, perguntando-se o que os trigêmeos haviam aprontado.

Carolina adorou passar o restante do dia ao lado da matriarca da família Angelis e da delicada Madalena. As duas haviam se divertido contando para Carolina passagens interessantes da vida dos trigêmeos. Carolina ficou emocionada com o amor visível na face de Serena ao falar do marido e dos filhos e ficara intrigada com o brilho fugidio que aparecia nos olhos de Madalena a cada vez que o nome de Natanael era citado.

Por um tempo Carolina pôde esquecer-se do motivo que a levara àquela casa... Àquela família. Evitava pensar que Gabe acreditara que ela era uma vigarista, uma ladra. Saber que se não fosse alguém tê-la empurrado da escada ele continuaria a suspeitar dela, chegava a sufocá-la. Estranhando o repentino silêncio, percebeu que Madalena havia saído da sala e que Serena lhe observava com um olhar compreensivo.

– Eles são homens maravilhosos e inteligentes... – disse olhando em seus olhos. – Infelizmente, quando se trata de assuntos do coração são iguais ao meu Rafael, não enxergam um palmo adiante do nariz.

– Eu não sei...

– Ah! – Serena exclamou experiente. – Você também ainda não viu...

– O que essa moça bonita ainda não viu?

A voz grave e profunda de Rafael interrompeu a conversa. No mesmo instante, a feição de Serena iluminou-se. Beijou o marido nos lábios sem o mínimo constrangimento, antes de comentar.

– O quanto o tempo é precioso para o desperdiçarmos...

Rafael arqueou a sobrancelha, num gesto que fez Carolina lembrar-se de Gabe. Após fitá-la por alguns segundos ele voltou-se para a mulher e disse, sorrindo.

– Não está longe. – Rafael comentou. – Eu também demorei a perceber...

Uma grande comoção se fez ouvir no hall de entrada, interrompendo as palavras de Rafael. A voz alterada de Madalena irrompeu no aposento.

– Você continua arrogante!

– E você continua irritante!

– Natanael Angelis! – a voz de Serena interrompeu a discussão. – Que modos são esses de tratar uma visita?

Natanael teve sensatez de aparentar constrangimento, mas seus olhos desmentiam o sentimento. Falando baixinho, para que só Madalena pudesse ouvir, resmungou.

– Espero que seja uma visita breve.

Madalena disfarçou a dor que sentiu perante aquelas palavras, com o sorriso debochado com que sempre se dirigia a Natanael. Para salvá-la da situação constrangedora, Mica se aproximou e a tomou em seus braços, rodopiando com ela pela sala, sob os olhares divertidos dos presentes, com exceção de Nate, que se manteve carrancudo.

– E então, moça bonita? – Mica brincou. – Já decidiu aceitar minha proposta de casamento?

– Você não fala a sério.

– Você que não me leva a sério. – Mica brincou, antes de cochichar em seu ouvido. – Meu irmão não merece você!

– O pior... É que eu sei...

Ainda abraçado a Madalena, Mica prestou atenção em Carolina.

– Nossa! Você esta ótima! – piscou brincalhão. – Não fosse o gesso, jamais poderia dizer que você rolou escada a baixo.

– Eu gostaria de agradecer... – Carolina começou.

– Sem agradecimentos. – Mica a interrompeu. – Todos sabem que eu nunca deixo uma mulher bonita perecer... Se puder evitar.

– Ah, isso deve ser verdade! – Madalena debochou. – Aquela modelo gaúcha com quem você vem saindo... Parece esplêndida!

– Micael sempre teve mulheres bonitas! – Nate interrompeu, enviando-lhe um olhar depreciativo.

Madalena o ignorou. Não se deixaria abalar por Natanael Angelis.

– Nem todas... – Mica discordou, malicioso. – Algumas eram lindas!

Todos riram e o clima de descontração permaneceu. Carolina apreciava aquele clima familiar, mas seus olhos estavam voltados para a porta. Estava ansiosa para que Gabe chegasse e este fato não passou despercebido.

O tempo passou morosamente e Serena pediu que atrasassem o jantar. Estavam todos preocupados com a demora de Gabriel. Nem mesmo Micael conseguiu abrandar o clima tenso que havia se instalado na espaçosa sala. Foi Rafael que expôs em palavras os pensamentos de todos.

– Algo aconteceu.

– Gabe teria ligado caso algo houvesse acontecido. – Mica tentou amenizar.

– O celular dele não responde. – Nate informou.

Carolina passou a andar de um lado para o outro impaciente. Gabriel poderia estar em perigo! Não queria sequer cogitar a possibilidade de que algo acontecesse àquele homem. Respirou fundo tentando se acalmar, mas pulou assustada ao ouvir a campainha do telefone. Serena adiantou-se para atender, mas Mica não permitiu. Não sabia quem era, mas se fosse alguma notícia ruim, preferia que sua mãe não fosse a primeira a recebê-la.

– Alô?

– Mica? Eu preciso que você arranje um helicóptero e cem mil reais.

– A voz de Gabriel estava densa. – Em dinheiro.

– Gabe? O que está acontecendo? – Mica tentou extrair alguma informação de seu irmão.

– O dinheiro você traz numa valise. – Gabe continuou. – O helicóptero deve estar pronto para decolar no momento em que chegarmos ao heliporto.

– Oh, Droga! – Mica exclamou. – Você descobriu quem estava roubando a empresa.

– Sim. – Gabe disse rapidamente. – Mas ela está com um revólver apontado para mim... Portanto seja rápido.

A ligação foi interrompida subitamente e Mica ficou olhando para o aparelho, pensando em quanto poderia revelar para sua família. Seus olhos encontraram os de Natanael e instintivamente ele soube o que deveria fazer.

"A maioria das pessoas não planeja a falha, e sim falha no planejamento. (John L. Beckley)"

Capítulo XII

Gabriel observava a mulher a sua frente, sem acreditar em sua estupidez. Nervosa e visivelmente impaciente, parecia prestes a fazer alguma bobagem... Como atirar. Ser rendido por uma mulher afetava abertamente seu orgulho masculino. E tudo por culpa de Carolina...

Já havia terminado seu serviço na firma e estava no estacionamento quando se lembrou que havia comprado flores para Carolina. Resolveu voltar ao escritório para buscá-las e depois disso a escuridão. Quando despertou, estava amarrado a uma cadeira e uma dor dilacerante o envolvia.

Observando o peso de papel jogado ao chão, teve certeza de que fora atingido na cabeça com aquele objeto. Jamais fora tão descuidado antes... Esperava que aquilo não fosse um reflexo da boa sorte de Carolina. Um arremedo de sorriso perpassou por seu rosto.

Não queria nem mesmo pensar no que seus irmãos diriam daquela situação. Ou melhor, sabia que Mica provavelmente daria uma gargalhada e diria um gracejo qualquer, enquanto Nate provavelmente iria franzir a sobrancelha e indicar algum curso de defesa pessoal.

Apesar disso, sabia que os dois estavam a caminho, assim como tinha certeza de que deveria evitar que aquela louca atirasse até que seus irmãos encontrassem alguma maneira de salvá-lo. Encarou a mulher a sua frente, antes de dizer.

– Você sabe que isto não vai dar certo, não sabe?

– Cale a boca!

– A pena por assassinato é muito maior do que por roubo...

Ela deu uma gargalhada histérica antes de observá-lo com desdém.

– Acha que eu vou ser presa? – aproximou-se até encostar o cano da arma em seu peito. – Se acha mesmo isso é mais imbecil do que eu imaginava.

– Quando você for pega...

– Cale a boca! – gritou descontrolada. – Eu não vou ser pega, esta entendendo?

– Onde está o seu comparsa? – Gabe perguntou, ignorando a ordem para ficar calado. – Abandonou-a a própria sorte?

Um olhar desvairado e doentio tomou conta de seu rosto antes que ela respondesse com uma calma inquietante.

– Eu tive que me livrar dele... – analisou a arma como se revivesse o momento. – Foi uma pena por que ele me serviu muito bem.

– Você o matou? – Gabe estava chocado.

– Hum, hum. – disse e sorriu. – Portanto acho melhor fechar esta matraca, ou vai fazer companhia ao meu querido Pedro.

Pedro estava morto? Que tipo de mulher era aquela? Todo o tempo soube que estavam em busca de uma ladra, mas aquela mulher era muito mais do que isso. Ela empurrara Carolina da escada... Ela matara Pedro.

Naquele momento Gabe percebeu que estava diante de uma pessoa sem limites, capaz de qualquer coisa. Céus! Começava a se arrepender de ter ligado para Micael... Aquela mulher atiraria em seus irmãos somente pelo prazer de fazer o mal. Enquanto ela voltava a andar de um lado para outro da sala, Gabe passou a investigar quais seriam as possibilidades de sair daquela enrascada.

– Elas não acreditaram em uma palavra do que eu disse. – Micael falou preocupado.

Estavam no quarto de Nate, onde ele preparava uma valise com jornais.

– Nem poderiam. – Nate disse nervoso. – Parece que esta no ar que há algo errado acontecendo.

– Você falou com seu amigo da polícia?

– Sim, pedi a César para nos acompanhar. – Nate passou a arrumar alguns maços de notas, de modo a parecer que a valise continha somente dinheiro. – Ele vai ser discreto, para que Gabe não corra nenhum risco.

Micael arregalou os olhos ao perceber que o irmão pegava uma arma carregada.

– Nate... Acha que é uma boa idéia?

– Acha melhor chegarmos lá desarmados? – Nate questionou. – Prefiro prevenir a improvisar.

– Foi você quem disse para deixarmos a polícia resolver...

– Isso foi antes de tocarem em nossa família. – fez uma careta.

– Agora vamos ter bastante ação... – Mica falou.

– Sim, eu vou esganar aquela víbora.

Mica suspirou e balançou a cabeça. Se a situação não fosse tão séria, riria das atitudes de seu irmão.

– Não vamos perder tempo. – Nate disse num tom seco e imperativo. – Você sai tranquilamente, como faz quase todas as noites.

– Ok. – Mica encaminhou-se para a porta. – Ninguém vai estranhar minha saída, mas e você?

– Eu irei por uma rota alternativa. – Nate falou encabulado. – Te vejo lá embaixo.

Micael desceu as escadas, estranhando o silêncio na sala. Achara que estariam todos esperando uma explicação sobre o telefonema de Gabe. Apenas Rafael permanecia no espaçoso ambiente. Observando-o, Mica soube que não escaparia tão facilmente. Antes que começasse a formular alguma engenhosa mentira, ouviu seu pai dizer.

– Sei que Gabriel está com problemas e vocês vão ajudá-lo. – Mica esforçou-se para não se mostrar constrangido. – Não, nem perca tempo em desmentir...

Ele foi esperto o suficiente para permanecer calado.

– Só espero que vocês... Tomem cuidado. – ele pediu. – Sua mãe não me perdoaria se algo acontecesse...

Mica assentiu. Não gostava de deixar seus pais preocupados, mas quanto menos eles soubessem, menos sofreriam.

– Vou preparar um chocolate quente para sua mãe. – falou dirigindo-se a cozinha. Antes de desaparecer no outro cômodo, parou e disse. – Diga a Nate que ele não tem mais idade para pular janelas... Isso só ficava bem quando ele usava calças curtas.

Nate iria pular a janela? Micael conteve-se para não sorrir diante daquele absurdo. Às vezes, Nate tinha realmente o poder de surpreendê-lo. Ao chegar ao carro Mica estacou, abobalhado. Aquela era realmente uma noite de surpresas.

– O que está fazendo aqui?

– Vou com vocês. – Carolina afirmou decidida. – E não tente me impedir!

– Você está ferida! – Mica apontou seu braço, tentando levá-la a perceber o ridículo da situação. – O que acha que vai fazer?

Uma sombra de dúvida nublou os olhos de Carolina, mas ela rapidamente se recompôs.

– Eu conheço aquelas pessoas. – explicou, pausadamente. – Além disso...

Interrompeu-se ao ouvir um baque surdo seguido de um palavrão e um grito espantado.

– O que está fazendo aqui?

Carolina espantou-se de que ele pudesse vê-la de onde estava. Percebeu seu engano quando ouviu a voz doce de Madalena.

– Eu vou com vocês. – Sem deixar de fitar Nate, engatilhou a arma que segurava com mão firme. – Posso ajudá-los.

– Você tem uma arma? – Nate estava horrorizado.

– Por quê? – Lena perguntou inocentemente. – Você não tem uma?

– Claro que eu tenho, mas é diferente...

– Hã... – Mica pigarreou aproximando-se. – Detesto interromper essa agradável conversa, mas... Gabe não deve estar feliz com uma arma sendo apontada para sua cabeça.

Carolina gemeu, chamando a atenção de Nate para si. Nate franziu o cenho e praguejou. Olhou para Mica de forma inquisitiva, mas este somente deu de ombros antes de dizer.

– Ela também vai. – e antes que seu irmão iniciasse mais um interminável questionamento, acrescentou. – Melhor não perdermos tempo e irmos logo embora.

Nate abaixou-se e pegou a maleta que caíra ao seu lado ao pular a janela. Encaminhou-se para o carro inconformado por levar duas mulheres para uma área de conflito. Uma inválida e outra que acreditava ser alguma pistoleira! Entrou no carro sem dirigir nenhum único olhar às três pessoas que o seguiam. Não estava indo para uma festa ou excursão. Seu irmão estava em perigo. Arrancou com o carro em direção ao centro da cidade. A seu lado, Mica apertou o cinto de segurança, procedimento que foi seguido por Madalena e, com um pouco mais de dificuldade, por Carolina.

Da janela do segundo andar, Serena observou o carro que atravessar o jardim e ganhar a rua. Rafael, que se aproximara sorrateiramente, a abraçou, levando-a a recostar-se em seu corpo sólido e firme em busca de apoio.

– Estou com medo de algo ruim aconteça. – sussurrou.

– Shh... – tranqüilizou-a. – Vai acabar tudo bem.

Virando-se nos braços do marido, Serena o fitou antes de dizer.

– Você não pode ter certeza.

– Não, eu não posso. – Rafael concordou. – Mas posso ter fé.

Ao receber de volta um olhar magoado de Rafael, envergonhou-se por não acreditar. Rafael agora tinha cinquenta e cinco anos e nos trinta e dois anos que estavam juntos, nunca duvidara da verdade em suas palavras. Se algo de ruim estivesse para acontecer, ele estaria preparando-a. Sempre fizera isso, desde que a salvara... Amenizava os sofrimentos em sua vida.

Rafael também examinava sua linda esposa. Ah, o tempo não fora cruel com sua amada ou então, seus olhos o enganavam. Serena continuava tão linda quanto no dia em que a conhecera. Claro que havia linhas de expressão e pequenas rugas em seu rosto... Mas foram recompensas pelos momentos de dor e alegria que compartilharam. Beijou-lhe os lábios suavemente, consolando-a.

– Talvez, pudéssemos encontrar alguma coisa interessante para passar o tempo... – piscou. –... Enquanto esperamos as crianças.

– Rafael! – Serena exclamou ultrajada.

Rafael tentou esconder o sorriso, mas duas covinhas o denunciaram.

– Eu estava pensando que podíamos rezar juntos. – viu Serena tornar-se rubra e não se conteve. – Do que achou que eu estava falando?

– Eu... – parou indecisa e então o encarou novamente.

O que viu ali refletido foi o mais puro amor. Ao perceber o que seu marido estava fazendo, Serena relaxou e conseguiu esboçar um sorriso. Ele estava tentando distraí-la, e havia conseguido.

– Seu tolo! – suspirou. – Sempre soube a quem Micael havia puxado.

Gabe sentiu a cabeça latejar e lutou contra a náusea que estava sentindo. Quanto tempo se passara desde que tudo acontecera? Uma hora... Duas? Sentia uma dor torturante e teve que lutar para manter-se firme na cadeira. Observou a mulher a sua frente com os olhos semicerrados. Aquela víbora não iria sair impune... Podia sentir seus irmãos chegando para ajudá-lo. Por Deus, só esperava que o bom senso de Nate prevalecesse sobre a impetuosidade de Mica. Mexeu novamente os pulsos numa tentativa desesperada de libertá-los dos fios que o prendiam firmemente. Sentiu algo morno e viscoso em suas mãos e imaginou que fosse seu sangue. Parou imediatamente de movimentar as mãos.

Fechou os olhos quando uma nova onda de náusea o obrigou a respirar fundo, mas, abriu-os ao ouvir o barulho de vidro estilhaçado. Ela estava impaciente e parecia cada vez mais

perigosa. Quando a viu levantar a arma e apontá-la novamente para ele, pediu a Deus que lhe desse uma morte rápida.

– Acabou seu tempo, Sr. Gabriel Angelis. – um sorriso perpassou por seus lábios. – Pena ter que privar o mundo de algo tão bonito. – Com um amplo sorriso debochou. - Que sorte que existem cópias de você.

"E olhei, e vi a voz de muitos anjos ao redor do trono e dos seres viventes e dos anciãos; e o número deles era miríades de miríades e milhares de milhares. (Apocalipse 5:11)"

Capítulo XIV

O centro do Rio de Janeiro estava deserto àquela hora da noite. A efervescência que se via diariamente naquele local, dando lugar à tranqüilidade e silêncio. O ar frio fez os pelos de Carolina eriçar... Ou seria o medo de que algo desse errado?

Um gato preto atravessou seu caminho e a fez lembrar-se de Sapecá, que havia ficado na velha casa de fazenda. Aproximaram-se do prédio onde funcionava a empresa. Um homem surgiu em meio às sombras.

– César! – Nate exclamou aliviado por encontrá-lo a espera.

O delegado César Gusmão lembrou-lhe o ator Arnold Schwarzenegger pronto para exterminar uma dezena de inimigos, principalmente após olhar com reprovação a presença delas no local. Rapidamente a voz clara e profunda explicou detalhadamente o plano.

Micael iria até a sala de Gabe, César descobrira que era lá que eles se encontravam, entregaria a maleta e observaria como estavam as coisas, para que, na hora em que a mulher resolvesse deixar o prédio, eles agissem. Simples e básico, o plano só tinha um ponto fraco na opinião de Nate.

– Eu devo subir. – disse com arrogância. – Já enfrentei tipos como esse antes.

– Oh, Deus! – exclamou Madalena. – Poupe-nos dos homens convencidos!

– Por favor, Lena... – Mica pediu. – Este não é o melhor momento para...

– O quê? – ela perguntou em tom tranqüilo. – Dizer umas verdades ao seu irmão?

Resolveram que todos deveriam subir, mas somente uma pessoa levaria o dinheiro. Estavam todos no andar em que ficava a sala de

Gabriel. Mica, com a maleta em suas mãos, estava pronto para entrar na sala, quando Carolina, que até este momento estava calada, chamou a atenção de todos ao dizer.

– Acho que posso ser eu a pessoa a levar o dinheiro.

– Não.

O delegado César Gusmão a olhou com descrédito e sem ao menos considerar a sugestão, descartou-a.

- Mas, eu conheço a pessoa que está com ele. – continuou ignorando a negativa. – Seja ela quem for, trabalhou comigo durante um bom tempo.

– Micael conheceu os suspeitos. – César lembrou. – Então, não há razão para esta conversa. Você e Nate vão ficar junto comigo, na retaguarda.

Nate enviou-lhe um olhar enviesado e estava a ponto de replicar o comentário quando escutaram o barulho de um tiro.

O delegado César imediatamente correu para a sala de Gabriel com a arma em punho.

– Espero que não seja tarde demais... – Mica disse alarmado. – Fiquem aqui.

Logo em seguida tomou a mesma direção que o delegado Gusmão.

– Oh, meu Deus! – ignorando as ordens de Micael, Carolina pôs-se a correr em direção a sala de Gabriel, seguida de perto por Madalena e Nate. Irromperam na sala e ficaram estarecidos com a cena que se desenrolava diante de seus olhos.

Gabriel ouviu a arma ser engatilhada e arrependeu-se por não ter conversado com os pais e os irmãos aquela manhã. Arrependeu-se por não ter passado a noite com Carolina e de não ter lhe falado dos seus sentimentos. Esperava que ao menos ela recebesse as flores...

Neste momento a porta se abriu para a passagem de Pedro, que estava com a roupa completamente ensangüentada e os cabelos em desalinho. Ele também portava uma arma e olhou para a mulher a sua frente com ódio mortal.

– Sua ordinária!

Por um momento ela tremeu. Um lampejo de medo passou por seus olhos para logo em seguida ser suplantado pelo mais puro ódio.

– Você devia estar morto! – gritou.

– Ah, sim... – Pedro falou, a voz soturna. – Isso seria ideal para os seus planos, não é? Mas não vai conseguir se livrar de mim assim tão fácil...

– Mas é claro que vou. – deu uma risada sarcástica. – Você é um inútil!

– Agora eu sou um inútil? Porque não quis seguir suas ordens? – falou em um esgar, a dor atravessando-o. – Não vou deixar que você cumpra suas ameaças!

– Ah! É por isso que ainda não sucumbiu? – parecia divertir-se com o sofrimento do homem a sua frente. – Chegou tarde! Sua “queridinha” já sabe quem você é... E o que você fez.

– É mentira!

– Você bem que gostaria que fosse mentira, não é? – sorriu maldosa. – Para poder posar de bonzinho para aquela idiota? Ah, coitadinho do Pedro! – riu. – Ela nunca vai perdoar a sua traição!

– Eu te odeio... Eu te odeio! – Pedro gritou ao mesmo tempo em que disparava sua arma.

Gabe, lutando contra a dor que o deixava cada vez mais fraco, assistia a tudo no mais completo silêncio, gritou. Pedro olhava para a arma sem acreditar que havia disparado. Neste momento uma agitação na porta do escritório anunciou a entrada de várias pessoas na sala. Olhou e viu o agente da polícia entrar, seguido de Micael, Carolina, Nate e Madalena. Como anjos vingadores, eles haviam chegado para libertá-lo. Antes de a abençoada escuridão envolvê-lo, ainda pôde ouvir o grito chocado de Carolina.

– Fernanda!

O delegado César tomou a arma da mão de Pedro enquanto lia os seus direitos. Antes de algemá-lo, pediu a Micael que pedisse uma ambulância pelo telefone. Carolina aproximou-se de Fernanda, que

deslizara até o chão, deixando um rastro de sangue na parede branca, e gemia em agonia.

– Ah, Fernanda! – Carolina murmurou inconformada. – Por que fez isso?

Apesar da situação em que se encontrava, Fernanda riu com escárnio. Ninguém se mexia enquanto a víbora destilava todo o seu veneno.

– A Rainha do desastre quer me dar lição de moral? – Respirou com dificuldade antes de dizer. – Você não sabe o que eu tive que fazer para sobreviver na vida!

“Eu não tinha talento, nem dinheiro... enquanto você era... brilhante!... Eu trouxe você para a empresa, porque você... era muito melhor que eu. Sempre foi melhor”. Então, eu tive que fazer... Algo... E comecei a valorizar os pequenos acidentes que você provocava... E fui eu que inventei... O apelido. Está surpresa?

Na verdade Carolina estava chocada! A sua amiga de faculdade, a pessoa que a ajudara a encontrar um emprego maravilhoso... Que a escutara quando estava triste, que a ajudara a superar os momentos difíceis... Não podia ser esta pessoa cruel e mesquinha a sua frente.

– E esse tempo todo...

– Ninguém desconfiou de nada. – Fernanda tentou sorrir. – Estava tudo indo bem, até que Carmem me ouviu dando um telefonema... Suspeito.

“Eu tinha que dar um jeito de calá-la... então eu fiz com que Pedro fosse admitido na empresa... e a conquistasse”.

Pedro gemeu e Fernanda olhou para ele, antes de continuar.

“Estava tudo dando certo... até esse paspalho se apaixonar por aquela lesma sem graça. Ele ameaçou contar tudo para Carmem. O idiota! Estava estragando os meus planos e eu... tive que detê-lo”.

Olhou para Carolina os olhos expressando confusão.

“Mas você... Carolina... Eu não queria que você morresse... Mas eu precisava tirar a todos nós da fazenda. A escada... – Tossiu,

espirrando sangue. – Eu não queria... Ele estava me pressionando... Eu nunca falhei antes... eu nunca...”

Em meio ao caos reinante no ambiente, Fernanda deu um suspiro e fechou os olhos, a cabeça tombando para frente. Carolina, em choque, observou Micael aproximar-se e fazer um sinal negativo com a cabeça. Não havia mais volta. Fernanda estava morta.

Neste momento Carolina voltou seus olhos para a porta e percebeu Nate abraçado a Madalena, que estava horrorizada com a cena a sua frente. O delegado César vigiava Pedro e Mica estava cuidando do corpo de Fernanda. Só então percebeu que Gabe estava amarrado e desmaiado em uma cadeira e que ninguém o havia socorrido.

Correndo até onde ele estava Carolina quase chorou ao ver o estado das mãos de Gabriel. Com a mão boa, tentou remover o nó que havia na corda, mas seu esforço foi inútil. Gabe gemeu e abriu os olhos. Carolina deu a volta na cadeira e mergulhou fundo nos olhos azuis.

– Carolina! – Gabe sorriu.

– Oh, Gabe! – Carolina jogou-se em seu colo, e passou a distribuir milhares de beijos na face máscula. – Quando ouvi o barulho de tiro... Eu pensei...

– Shh... – Gabe interrompeu-a. – Está tudo bem agora.

– Não está nada bem! – Carolina o encarou, furiosa. – Você poderia estar morto!

Carolina o beijou nos lábios. Ansiosa... Furiosa... Desesperada. Gabe correspondeu aceitando a punição, sem nem mesmo imaginar o motivo de tão doce tortura.

– Acho que você é do tipo dominadora. – Gabe murmurou quando pôde respirar. – Vou adorar me submeter a você... Em outro momento.

Quando Carolina o encarou, confusa, Gabe forçou um sorriso e indicou o socorro médico que havia acabado de chegar.

– Minhas mãos...

– Oh! Perdoe-me! – Carolina levantou-se e agindo freneticamente, afastou-se, dando passagem à simpática enfermeira que cortou os fios que o prendiam antes que outros dois enfermeiros o instassem em uma maca.

Nate e Madalena haviam desaparecido e Mica aproximando-se, informou que eles estavam em outra sala telefonando para casa, a fim de tranquilizarem seus pais. Os enfermeiros já se preparavam para retirar Gabe da sala quando ele olhou para Carolina e viu as flores em cima de sua mesa.

– Pegue-as. – pediu.

Carolina, seguindo seu olhar, pegou o buquê de lírios que repousava sobre a bancada.

– São para você.

Carolina aspirou o perfume das flores e sentiu os olhos rasos d'água. Antes que finalmente os enfermeiros o levassem, Carolina aproximou-se e o beijou levemente.

– São lindas.

– São mais que isso... Elas têm um significado.

Carolina sorriu. Gabe acreditava no que Madalena dissera sobre proteção?

– Eu sei. – exclamou. – Sou uma garota de sorte!

Os olhos de Gabe brilharam numa emoção tão profunda que Carolina sentiu-se derreter por dentro. Assim que ele foi levado, seguido de perto por Micael, Carolina abraçou as flores junto ao peito como se fosse o mais precioso tesouro.

Nate e Lena a encontraram assim em meio ao caos que se tornara o escritório. Impaciente, Nate as chamou e seguiram para o hospital. O trajeto foi rápido e em poucos minutos chegavam à clínica que Mica trabalhava. Preferiram que Gabe fosse atendido ali.

Estavam há pelo menos uma hora no hospital , quando Madalena elogiou o arranjo que Carolina carregava.

– Lindas flores.

- Sim. – murmurou. – Eu as ganhei de Gabe.
- Lírios. – Madalena suspirou. – Elas têm um significado.
- Nate bufou e balbuciando algo sobre mulheres, se afastou.
- Eu sei... – Carolina respondeu com um sorriso.
- O que você respondeu? – Parou e perguntou.
- Respondeu? – Carolina estava confusa. – Ah! Eu disse que sou uma garota de sorte.
- Então você aceitou! – Madalena exclamou exultante. – Parabéns!
- Obrigada. – Carolina agradeceu, confusa.

Antes que pudesse perguntar alguma coisa, Mica aproximou-se e avisou que Gabe passara por um exame completo e estava bem. Impaciente demais para permanecer no hospital, exigira voltar pra casa. Mal acabou de pronunciar as palavras, Gabriel apareceu.

A roupa amassada, os cabelos desalinhados. Suas mãos e pulsos estavam envoltos em um curativo, mas ele andava firmemente, como se voltasse de um piquenique.

– Vamos pra casa. – Disse para seus irmãos, seus olhos encontrando os de Carolina.

Estavam a caminho da casa da família Angelis, quando Carolina percebeu que não havia razão para que voltasse para lá. O perigo de que algo de ruim ocorresse com ela havia acabado com a morte de Fernanda.

Deu-se conta que em breve estaria saindo da vida de Gabriel. Provavelmente teria de deixar o emprego e voltar para casa de seus pais. Provavelmente aquela era a última noite que passaria junto àquela família maravilhosa e... A Gabe. Um sorriso malicioso surgiu em seus lábios. Teria que dar um jeito para que esse pouco tempo se tornasse inesquecível!

"O amor é a asa veloz que Deus deu à alma para que ela voe até o céu. (Michelangelo Buonarroti) "

Capítulo XV

Carolina tentou não se mostrar impaciente enquanto a família Angelis se desdobrava em mimos para com o “guerreiro” abatido. Gabriel estava adorando ter a família a sua volta enchendo-o de mimos. Quando todos finalmente se retiraram, Carolina acompanhou-os sem despedir-se, apreciando o olhar espantado de Gabe.

Iria somente até o seu quarto, e depois voltaria, mas ele não precisava saber disso. Deixaria que sofresse um pouquinho. Sentia-se ao mesmo tempo atrevida, pois tentaria seduzir um homem por quem estava apaixonada, e temerosa, de que Gabe não a aceitasse.

Em seu quarto, andou de um lado para outro, questionando-se se aquela seria uma decisão acertada. No dia seguinte sairia para sempre da vida de Gabriel... Suspirou profundamente tentando acalmar as batidas de seu coração, enquanto resignava-se com a certeza de que preferia sofrer por saudades, a arrepender-se por não ter vivido.

Pegou os sais de banho que Madalena deixara ali pela manhã e enchendo-se de coragem, atravessou o corredor de volta ao quarto do homem desejado. Abriu a porta e observou Gabe recostado em seus travesseiros, os olhos fechados, as mãos enfaixadas descansando sobre o lençol.

– Gabe?

Gabriel abriu os olhos e um sorriso iluminou seu rosto.

– Ah! – Gabe provocou. – Voltou-se para despedir-se adequadamente?

– Não. – Carolina disse, aproximando-se da cama. – Vim retribuir um favor.

Mostrou o braço engessado e Gabe rapidamente compreendeu. Pretendia cuidar dele, como havia feito com ela na noite anterior.

– Que bela dupla formamos, hein? – Gabe gracejou. – Eu ontem podia usar as mãos...

– Hum. – Carolina murmurou e sentou-se na beirada da cama. – Eu hoje posso usar uma...

Assim dizendo, Carolina pôs-se a desabotoar os botões da camisa ele usava, expondo o abdômen definido coberto por uma fina camada de pêlos. Não conseguindo resistir, deslizou suas mãos por toda a extensão de pele a mostra.

– O que está fazendo? – Gabe sobressaltou-se.

– Tentando deixá-lo mais confortável. – Carolina explicou. – Pode erguer-se um pouquinho?

Gabe atendeu ao pedido instintivamente e Carolina retirou, com extremo cuidado, a dispensável peça de roupa.

– Eu não estou confortável! – Gabe resmungou sentindo sua calça apertar-se ao redor de seu membro.

– Ficaré. – Carolina prometeu. – Depois do banho...

– Pretende me dar banho? – Gabe quase gritou sem acreditar no que estava ouvindo.

– Você não quer... – Carolina retrocedeu e o encarou decepcionada com sua rejeição.

Algo nos olhos dela fez Gabe reconsiderar. Não tinha certeza se iria agüentar passar por aquela provação, mas não iria magoar Carolina.

– Tudo bem. – disse, tentando aparentar calma. – Você não quer encher a banheira?

Carolina assentiu e rumou para o banheiro, enquanto Gabe andava de um lado para outro no quarto. Imaginou se Carolina sabia que estava brincando com fogo. Estaria ela pensando em pô-lo para dormir e ir embora, como ele próprio fizera na noite anterior? Vai ser uma longa noite, pensou antes de se dirigir para o banheiro.

Carolina estava abaixada junto à enorme banheira. Ao ouvi-lo se aproximar levantou-se e aproximou-se de Gabe com a intenção de tirar o que restava de suas roupas. Gabe deu um passo para trás. Carolina avançou e pousou a mão em sua cintura por um instante

antes de desabotoar sua calça. Apesar de contar com apenas um braço, a tarefa se mostrou relativamente fácil. Abaixou-se conforme escorregava o tecido pelas coxas poderosas e ficou frente a frente com a masculinidade de Gabe, que mesmo aprisionada dava mostras de toda sua potência. Carolina engoliu em seco antes de puxar a cueca para baixo. Gabe estava excitado. Sua respiração tornou-se ofegante e ela rapidamente concluiu a tarefa. Não queria que nada desse errado aquela noite.

– Você... Pode entrar na banheira.

Sem desviar os olhos dos seus nem por um minuto, Gabe fez o que ela pediu. A água morna em nada contribuiu para diminuir o fogo que se instalara em seu corpo. Teria sido melhor um banho frio. Entretido com seus pensamentos, suspirou ao sentir a mão de Carolina deslizar em suas costas.

Carolina então passou ensaboar seu peito numa carícia erótica. Olhou para suas próprias mãos que estavam enfaixadas e com um suspiro impaciente, trouxe Carolina para os seus braços encarando-a.

– Está querendo me enlouquecer? – perguntou.

– Por quê? – Carolina sorriu. – Estou conseguindo?

Gabe não respondeu. Tomou seus lábios com força, demonstrando toda a sua paixão. Carolina entregou-se ao beijo, inclinando-se em sua direção, querendo estar cada vez mais próxima. Em sua empolgação, não conseguiu evitar o pequeno desastre. Caiu em cheio no colo de Gabe, que não pode evitar sorrir junto aos seus lábios.

– Oh! – Carolina exclamou, olhando para sua roupa, completamente encharcada. – Me molhei toda!

– Tire as roupas. – Gabe pediu.

Carolina sequer piscou. Levantou-se da banheira e com algumas manobras livrou-se do vestido molhado. Não usava sutiã e rapidamente livrou-se da calcinha. Gabe deleitava-se com a visão do corpo feminino a sua frente. Carolina era linda! Na noite anterior pudera ter um pequeno vislumbre de tudo aquilo, mas abdicara de

usufruir por seu cavalheirismo exacerbado. Não cometeria o mesmo erro esta noite.

Abriu os braços num convite que Carolina aceitou prontamente. Sentou-se em seu colo, tomando cuidado para não molhar o gesso em seu braço. Pelo visto aquele banho seria uma aventura. Gabe tomou seus lábios novamente em um beijo quente que ela retribuiu com igual fervor.

A mão livre de Carolina passeava por todo o corpo de Gabriel, deixando-o alucinado. Gabe, apesar de não poder tocá-la com as mãos, usava sua boca com maestria. Seus lábios deslizaram da boca tentadora para o pescoço, espalhando por ali pequenas mordidas que produziam uma resposta imediata em Carolina. Quando tomou um dos seios redondos em seus lábios, sugando-os, faminto, ela não pode conter o tremor do próprio corpo. Passou a mover os quadris, buscando uma posição que a favorecesse. Sentou-se, com as pernas afastadas em volta do quadril de Gabriel e não conteve o gemido de prazer ao sentir a masculinidade rígida e pulsante de encontro a sua entrada. Esfregou-se de encontro Gabe necessitando de alívio para o desejo que a consumia.

– Caroline... Pare. – Gabe suplicou.

– Eu não posso... – Carolina gemeu.

– Desse jeito não vou conseguir me conter...

– Não quero que pare. – ela murmurou. – Eu quero você Gabe... Agora!

Com a mão livre tomou o membro de Gabe e guiou-o para si. Ele era grande e rijo entre seus dedos. Gabe ofegou ao sentir os dedos macios em sua virilidade. Quando por fim penetrou na úmida abertura, não conseguiu conter o gemido que escapou de seus lábios. Era o paraíso. Podia sentir os músculos femininos envolvendo-o e imediatamente arqueou seus quadris, buscando ir mais fundo.

Carolina acompanhou os movimentos de Gabe, afoita. Sentia o prazer engolfando-a em ondas cada vez mais fortes e poderosas. Segurando-se na borda da banheira, beijou Gabe de maneira

faminta. Ignorando as mãos enfaixadas, Gabe tocou seus seios, apertando-os de encontro as suas palmas levando-a ao delírio. Movimentavam-se cada vez mais rápido, cada vez mais forte, num vai-e-vem alucinante até explodirem de prazer.

O corpo de Carolina arqueou-se e convulsionou-se numa explosão de gozo. Sentia-se como se seu corpo houvesse se desintegrado tal a força de seu prazer. Ouviu o grito de Gabe e sentiu sua semente inundando-a, preenchendo-a. Ele a sustentou em seus braços até que seus corpos acalmassem e a respiração voltasse ao normal.

Bastante tempo se passou antes que seus corpos e mentes estivessem refeitos. Gabe, recostado na banheira, abraçava Carolina que repousava em seu peito. A água tornara-se fria sem que eles percebessem. Carolina depositou pequenos beijos no peito ensaboado, ainda surpresa com a dimensão do prazer que haviam compartilhado. Suspirou.

– Não terminei o seu banho.

– Foi por uma boa causa. – Gabe sorriu. – Vai retomar o serviço?

– Hum. – resmungou. – Não creio que tenha energia para começar novamente.

– Eu não acredito. – Gabe movimentou os quadris extraindo um gemido dos lábios femininos. – Ainda acha que não consegue?

– Pare! – protestou sem convicção, encarando-o. – Desse jeito, passaremos a noite nesta banheira.

– Bem... Podemos tentar a cama dessa vez... – Gabe beijou-lhe os lábios. – Se você não me seduzir outra vez...

Carolina entregou-se ao beijo, um pouco lânguida pela intimidade partilhada, um pouco ansiosa pelas promessas de prazeres futuros. Delicadamente desvencilhou-se de Gabriel, ao senti-lo novamente rijo de encontro a seu corpo. Utilizando o braço que não estava imobilizado, abriu o chuveirinho da ducha e enxaguou o corpo de Gabe. Com um pouco de dificuldade enxaguou seu próprio corpo e saiu da banheira. Surpreendentemente, não havia constrangimentos.

Gabriel também saiu da banheira, mas sequer aproximou-se da toalha. Aproximou-se de Carolina sem dar chance para que ela escapasse e a beijou apaixonadamente. Como não podia carregá-la em seus braços, foi conduzindo-a em direção ao quarto entre beijos cada vez mais profundos.

Carolina admirou-se ao perceber que haviam chegado à cama. Gabe sentou-se e a fez aproximar-se. Seus seios erguiam-se majestosos, e ele degustou-os sem pressa, saboreando-os. Rodeou os mamilos extremamente sensíveis com a língua, deixando-os úmidos para depois soprar a umidade.

Carolina estremeceu seu corpo tenso de desejo. Chegou mais perto, buscando uma maior intimidade, mas Gabe a impediu. Sorrindo maliciosamente, ele mordiscou-lhe o lóbulo da orelha antes de dizer.

– Devagar...

Num movimento ágil para quem estava com as mãos enfaixadas, a fez deitar-se na cama, enquanto os seus lábios deslizavam por seu ventre, parando um instante na depressão de seu umbigo. Ela ofegou quando os lábios prosseguiram seu caminho, avançando para suas coxas entreabertas. Quando Gabriel a beijou intimamente ela soube que estava perdida. Ele sugava, lambia, bebia da sua umidade como se fosse um néctar da mais preciosa flor. Quando a tensão se tornou insuportável e ela explodiu de prazer, ele a penetrou numa única estocada.

Carolina arqueou o corpo para melhor acomodá-lo, envolvendo-o com suas pernas, numa entrega sem precedentes. Gabe mantinha os braços apoiados na cama e o suor brotava em sua testa. Movimentava-se lentamente, como se tivesse todo o tempo do mundo, levando-a a uma nova explosão libertadora até perder-se no casulo aveludado que se contraía ao seu redor. Gritou vitorioso com a nova e torturante explosão de prazer.

Desabou sobre o corpo macio, com cuidado para não machucá-la, e logo depois rolou na cama parando a seu lado. Carolina ainda teve forças para aconchegar-se junto a ele, o braço engessado apoiado

em seu peito. Exaustos após as cansativas, e prazerosas, aventuras do dia, entregaram-se ao sono.

Um barulho qualquer despertou Carolina, que abriu os olhos e estranhou momentaneamente o ambiente em que se encontrava até sua mente registrar o corpo firme e quente sob o seu. Estavam nus, aquecendo-se somente com o calor de seus corpos. Lembranças dos momentos de paixão que viveu nos braços de Gabe voltaram a sua mente. Suspirou, afastando-se devagar, na tentativa de não despertá-lo. Sabia que seria maravilhoso quando enfim se entregassem ao desejo que despontara entre eles no momento em que tropeçaram no saguão da firma. Possivelmente algum cupido trapalhão os colocara frente a frente. Eram incompatíveis.

Gabriel Angelis era seu chefe, um homem rico e bonito como ele poderia ter a mulher que quisesse a seus pés. Era provável que dali a algum tempo lesse em um jornal a notícia de seu casamento com alguma beldade da sociedade carioca. Era hora de sair de cena, deixando como lembrança momentos maravilhosos. Levantou da cama e caminhou até o banheiro, onde recolheu sua roupa, ainda molhada. Envolheu-se em uma toalha seca, disposta a esgueirar-se até o seu quarto. Esperava não encontrar ninguém acordado, o que seria deveras constrangedor. Voltou ao quarto, lutando contra o desejo de voltar para a cama e perder-se nos braços de Gabe. Resistindo a tentação, virou-se de costas e andou até a porta. No momento em que tocou a maçaneta, a voz grave a deixou paralisada.

– Vai a algum lugar?

Carolina respirou fundo ao ouvir a pergunta.

– Gabe...

– Realmente pretendia se esgueirar pra fora do meu quarto como se fosse algum tipo de... Criminosa?

Carolina voltou-se e encostou-se à porta do quarto. A roupa molhada junto ao corpo que tremia, mais pela visão de Gabe gloriosamente nu, do que por ter sido pega em flagrante enquanto escapava do quarto. Engolindo em seco, encarou-o e tentou explicar.

- É melhor que eu vá embora...
 - Carolina... – o tom firme era um aviso.
 - Eu não posso ficar... Não vai dar certo... Eu...
 - Pare! – Gabriel levantou-se, ignorando o fato de estar despido. – Você assumiu um compromisso comigo!
 - Nós apenas dormimos juntos... – Carolina deu de ombros como se aquilo não a afetasse.
 - Sem proteção. – Gabe complementou. – Você pode estar grávida!
 - Não estou!
 - Não pode ter certeza. – Gabe aproximou-se e beijou-a sôfrego. – Não vou deixar que vá embora.
- Foi um beijo rápido, profundo, apaixonado. Carolina rendeu-se a Gabe e só voltou a pensar racionalmente quando ouviu.
- Vamos nos casar.

"Infeliz daquele que, nos primeiros instantes de uma ligação amorosa, não acredita que ela vai ser eterna – (Benjamin Constant)".

Capítulo XVI

Carolina observou Sapeca correr atrás de um pato, no enorme quintal da casa de seus pais. Sua expressão pouco se alterou. Ultimamente a apatia havia tomado conta de seu semblante. Desde a noite em que saíra do quarto e da vida de Gabe, não estava encontrando motivos para sorrir. Perdera peso e estava abatida, como se sofresse de alguma virose... A mãe vivia insistindo para que fosse ao médico, mas ela sabia que para o mal que estava sofrendo não tinha cura... O que estava sentindo tinha apenas um nome... Saudade.

Sentia falta de Gabe. Arrependia-se por ter fugido de seu pedido impulsivo. Ainda podia ouvir a voz fria e desprovida de sentimentos. A expressão impenetrável ainda a assombrava. Mas o pior eram os ecos da conversa que tiveram e de suas últimas palavras...

– Vamos nos casar.

– Casar? – Caroline balançou a cabeça negando. – Não.

– Por que não? – Gabe vestiu a calça e sentou-se na beira da cama.

– Você tem algo contra o casamento?

– Claro que não. – Carolina respondeu. – Mas nós nos conhecemos há menos de um mês!

– O tempo é realmente importante? – Gabe a encarou. – Existem pessoas que convivem durante anos sem realmente se conhecerem... Enquanto outras...

– Até ontem você achava que eu era uma ladra!

A fisionomia de Gabe se alterou.

– Então este é o problema?

– Não... Não sei... – Carolina apertou ainda mais a trouxa em seus braços. – Eu...

– Só queria alguns momentos de sexo. – Gabriel falou num tom extremamente frio. – Bem, já conseguiu o que queria.

Levantou-se e virou-se de costas, ignorando-a. Não acreditava no que acabara de acontecer. Havia pedido aquela mulher em casamento! Acreditara ter encontrado alguém para ser seu par. Que ridículo. Ela não sentia nada além de atração.

– Gabe...

– Você tem razão, Carolina. – Gabe a interrompeu. – Nós não nos conhecemos direito.

– Não ia dar certo – Carolina complementou. – Nós somos muito diferentes...

– Isso nós não podemos saber, certo? – Gabriel interrompeu-a. – Você desistiu antes mesmo de tentar. Agora vá embora.

– Gabe...

– Sr. Angelis. – ele a interrompeu. – Não permito que as... parceiras de uma noite me tratem com intimidade.

O comentário feriu-a como um tapa. Os olhos de Carolina encheram-se de lágrimas que escorreram suavemente por seu rosto. Acabara de cometer o maior erro de sua vida. Nem mesmo todos os contratempos que a levaram a receber o nome de "Rainha do desastre" se comparavam àquilo. Já estava arrependida da decisão que tomara. Sentia vontade de voltar o tempo para o momento em que acordara. Faria tudo diferente dessa vez. Deu um passo à frente para logo em seguida parar e voltar para a porta.

Sapeca pulou em seu colo e Carolina retornou ao presente. Seu braço estava completamente curado e teria que tomar a decisão de voltar ou não ao trabalho. Não sabia se conseguiria encarar Gabe outra vez. Amava-o tanto que chegava a doer. Deveria ter aceitado quando ele anunciara que iriam casar. Mas não o fizera e agora... Viveria com as conseqüências de seu erro. Imaginou como estaria Gabe naquele momento e seu coração falhou uma batida ao imaginar que ele poderia estar com outra pessoa. Deus! Será que as coisas não poderiam dar certo em sua vida ao menos uma vez? Suspirou enquanto acariciava o gato... Talvez se não houvesse

mandado aquela carta... Bobagem, melhor esquecer que aquilo tudo acontecera.

Com um pouquinho de sorte conseguiria trabalhar tranquilamente ao lado de Gabe sem fazer nenhuma besteira... Com um pouco mais de sorte, nem precisaria vê-lo com freqüência. Uma lágrima rolou de seus olhos ao lembrar que não era uma mulher sortuda.

Gabe olhava fixamente o papel amassado em suas mãos. A garrafa de uísque pela metade dando mostras de seu estado de espírito. Releu mais uma vez o parágrafo que já gravara e a maldita frase ecoou em sua mente. *"Espero que fique feliz em saber que aquela noite não deixou conseqüências"*. Feliz... Aquilo que estava sentindo não poderia ser chamado de felicidade. *"Estarei retornando ao trabalho dentro de poucos dias, caso você não se oponha"*. Iria se opor?

Levantou a cabeça e olhou para porta ao ouvi-la se abrir. Olhou contrariado para seu irmão na tentativa de que ele fosse embora, mas não adiantou. Micael jogou-se displicentemente na poltrona estofada em frente a ele.

– Você é um idiota. – disse sem demonstrar o mínimo desconforto.

– Ah! – Gabe estalou a língua ao exclamar. – Seus elogios me envaidecem.

– Sim. – Mica lutou para esconder a irritação. – E sua burrice me deixa emocionado.

Gabriel levantou-se, enfurecido. Estava louco por uma boa briga e seu irmão parecia estar com a mesma disposição. Segurou-se na mesa em busca de apoio. Não devia ter bebido, pensou. Sentindo-se derrotado, sentou-se novamente na cadeira antes de dizer.

– Vá embora Mica...

– Eu vou. – Mica disse com segurança. – Depois que lhe disser umas verdades.

– Não precisa se dar ao trabalho...

– Preciso sim, ou então você vai acabar perdendo-a.

Aquilo fez Gabe calar-se e olhar para o irmão com uma frieza e segurança impressionantes, levando-se em conta a quantidade de bebida que ingerira.

– Ela recusou meu pedido de casamento.

– Isso é verdade. – Mica respondeu. – Mas ela não sabe o que eu sei.

O leve tom de zombaria na voz do irmão fez Gabe ferver de raiva.

– Você não sabe de nada.

– Será que não? – Mica levantou-se. – Então, estou errado ao dizer que você a ama?

– Você não escutou o que eu disse? – Gabe o interrompeu. – Ela recusou...

– Eu ouvi perfeitamente. – disse Mica. – Mas você disse a Carolina que a ama?

Gabe hesitou antes de responder de forma abrupta.

– Não.

– Como eu disse... Você é um idiota.

– Mica... – o tom era aviso de perigo, mas Micael não se abalou.

– Esta sua mania de acreditar que as coisas devem acontecer do jeito que você quer, na hora em que você quer... Bem, você não é Deus, sabe?

Diante do silêncio de seu irmão, Mica levantou-se para deixar a sala, mas antes de sair deu um último conselho.

– Se você fosse esperto, guardaria esta garrafa e pensaria num modo de fazer Carolina reconsiderar o seu... Pedido.

Gabe ficou as calado remoendo palavras de seu irmão muito tempo depois de ele ter saído. Mica tinha razão. Tentaria mudar o rumo daquela história... E iria conseguir.

Carolina atravessava o corredor de maneira apressada. Estava em cima da hora e não queria chegar atrasada em seu primeiro dia de trabalho depois da licença médica. Não podia dar a Gabriel motivos

para demiti-la. Estava chegando ao elevador quando se chocou contra um peito sólido e dolorosamente familiar.

– Gabe! – suspirou, antes de recompor-se e corrigir-se. – Sr. Angelis...

– Gabe. – ele a interrompeu. – Pode me chamar de Gabe.

– Sr. Angelis. – Carolina o ignorou. – Gostaria que me desculpasse.

– A culpa foi minha. – Gabriel respondeu e segurou suas mãos.

Lembranças do primeiro encontro deles surgiram na mente de Carolina, provocando um descompasso em seu coração.

– Carolina...

O tom de voz sedutor quase fez Carolina cair a seus pés, mas ela controlou-se e, sem encará-lo, pediu.

– Se me der licença, eu tenho que ir para minha sala.

Com um suspiro de desânimo diante da frieza que ela demonstrava, Gabriel deu um passo para o lado liberando o caminho para que ela pegasse o elevador. Neste momento as palavras de Micael lhe vieram à mente e ele seguiu-a, entrando no elevador no momento em que este se fechava. Diante do olhar incrédulo de Carolina, apertou o botão que interrompia a subida da máquina, enquanto a encarava desafiador.

– Precisamos conversar. – o tom de voz não admitia réplicas.

– Eu não tenho nada que falar com você!

– Sim, você tem. – Gabe vociferou. – Que droga Carolina, não podemos ficar desse jeito.

– Sr. Angelis, eu não...

– Meu nome é Gabriel! – ele disse elevando a voz.

– Eu sei! – Carolina também falava alto. – Mas parceiras de uma noite não podem...

– Pare! – Gabe gritou. – Eu não admito que você...

As palavras se perderam quando os lábios se tocaram. O fogo da paixão irrompendo feito água represada. Submissa, Carolina rendeu-

se, apoiando-se no corpo forte e enlaçando-o pelo pescoço. A boca de Gabe exigia a resposta apaixonada que seu corpo desprendia.

Saudade. Desejo. Paixão. Bastou sentir o gosto de Gabe para perceber que nada mudara. Enganara-se ao pensar que se afastando de Gabriel teria seus sentimentos sobre controle. Doce ilusão. Estava perdidamente apaixonada por aquele homem! Em um gesto desesperado para fugir da força dos seus sentimentos, Carolina contorceu-se entre os braços que a prendiam com firmeza.

– Deixe-me. – pediu.

– Não. – Gabriel declarou com firmeza.

– Por favor... Sr. Angelis.

– Não me provoque, Carolina.

– Eu tenho que trabalhar. – Carolina o desafiou. – Libere o elevador.

– Eu sou o chefe. – Gabriel informou, autoritário. – Você fica!

Carolina mais uma vez tentou sair dos braços de Gabriel e dessa vez obteve sucesso. Fazendo um gesto impotente com as mãos, encarou-o antes de explodir.

– Isso é ridículo!

– Chame do que quiser. – Gabe respondeu no mesmo tom. – Mas não vamos sair daqui, enquanto não conversarmos!

- Arrogante, prepotente...

Mais uma vez calou-se ante a poderosa investida dos lábios de Gabe. Um doce duelo, onde não havia perdedor. Carolina gemeu e entregou-se ao prazer de tê-lo junto a si.

– Carolina... – Gabe murmurou enquanto seus lábios viajavam por sua face, ate chegar ao macio lóbulo de sua orelha.

Carolina abraçou-se a ele, a ponto de deixar-se levar quando avistou a câmara de segurança.

– Oh, meu Deus! – pulou para trás afastando-se de Gabe.

– O que houve? – Gabriel indagou preocupado.

– Valter...

Imediatamente a fisionomia de Gabriel mudou de preocupada para furiosa.

– Quem é esse Valter? – Questionou, segurando-a pelo braço.

– Solte-me!

– Não até que me diga quem é esse sujeito!

– Seu Valter é o segurança, seu troglodita! – Carolina resmungou puxando o braço que ele parecia não notar que apertava. – E nesse momento todo prédio já deve estar sabendo o que está acontecendo dentro deste elevador!

Carolina percebeu que estava gritando quando um silêncio desconfortável tomou conta do espaço confinado. Viu Gabriel aproximar-se e delicadamente beijar a área que antes segurara com força. O gesto fez Carolina gemer sua frustração.

– Por que está fazendo isso comigo, Gabriel?

– Então você não sabe? – Gabe suspirou e a trouxe uma vez mais para seus braços. – Queria voltar o tempo e apagar todas as coisas horríveis que disse a você.

Carolina ouviu a declaração e seu coração bateu mais rápido.

– Eu também disse coisas...

Gabriel tomou seu rosto entre as mãos e a fez encará-lo.

– Durante todo esse tempo que você esteve longe... Desejei ir buscá-la.

A sinceridade das palavras e do olhar de Gabriel a fez abrir seu coração.

– E eu desejei que você me procurasse.

– Carolina... – o tom rouco de Gabe lhe prometia delícias.

– Não.

- Sim. – beijou a suave curva de seu pescoço

– Nós temos que conversar...

– Eu sei. – Gabe não interrompeu a carícia.

– Gabe...

Interrompeu seus protestos da maneira mais fácil. Um beijo de tirar o fôlego, de perder a razão, esquecer que estavam em um elevador, ou reparar que este se movimentava. Não havia nada a não ser o desejo de seus corpos saudosos. A voz de Micael os fez voltar à realidade.

– Isto quer dizer que seguiu meu conselho? – perguntou, debochado. – Ou está almejando o título de “Playboy” da família?

"A maior felicidade é a certeza de sermos amados apesar de ser como somos. (Vitor Hugo)".

Capítulo XVII

Afastando-se de Gabe, Carolina respirou fundo e fechou os olhos, antes de gemer constrangida.

– Micael... – sua voz tremeu.

– Olá Carolina! – Mica sorriu. – Desculpe interromper esta... Reunião.

Gabriel bufou e avançou para seu irmão que, com as mãos espalmadas, fez cara de injustiçado.

– Hei! Só estou tentando ajudar! – brincou, antes de tornar-se repentinamente sério. – Acho melhor irmos para o escritório. As pessoas já têm muito que comentar... Não precisamos de uma briga entre irmãos agora.

– Oh, droga! – Carolina exclamou desejando que um buraco se abrisse a seus pés. Esperou estarem dentro da sala de Micael para perguntar. – É tão ruim assim?

– Bem... – Micael pensou por um minuto. – Digamos que o apelido de “Rainha do desastre” será aposentado.

– Micael, por favor, você poderia nos deixar a sós?

O tom perigosamente calmo de Gabe não passou despercebido a Mica, que rapidamente encaminhou-se para a porta. Mas antes de sair, deixou que seu lado irreverente se manifestasse mais uma vez ao comentar.

– Aproveitem a minha sala. – piscou antes de sussurrar como que contando um segredo. – Ela não tem câmeras.

Um silêncio constrangedor instalou-se no ambiente até que, sem conseguir, Carolina explodiu em algo entre o riso e as lágrimas. Sentou-se no sofá, mordendo os lábios na tentativa de conter-se. Ergueu os olhos para Gabriel que cerrava o punho, furioso.

– Me perdoe. – disse finalmente.

– Gabe... – Carolina fitou as mãos entrelaçadas em seu colo. – Eu...

Gabe sentou-se do seu lado e tomou as mãos, que ela apertava nervosamente, antes de dizer.

– Tudo bem. – esperou que Carolina fitasse seus olhos. – Vai ficar tudo bem.

Aproximou-se o suficiente para que seus lábios se tocassem, mas antes de perder novamente o controle, afastou-se e passou a andar de um lado para o outro, antes de parar em frente à enorme janela e de costas para Carolina declarar.

– Não foi assim que planejei nosso reencontro.

– Eu sei...

– Eu realmente pensei que poderíamos conversar tranquilamente e chegarmos a um acordo sobre o nosso relacionamento. – respirou fundo. – Droga! Se nem quando você era suspeita de roubo eu conseguia manter minhas mãos longe de você!

– Gabe... – Carolina levantou-se e se aproximou até quase tocá-lo.

– Mas tudo bem... – ele continuou. – Podemos tentar conversar...

– Gabe... – Ela tocou seus braços.

– Eu posso ser civilizado...

– Gabe, pare! – Gabe a olhou e soube que estava perdido. – Me beije.

Necessitou somente um segundo para que as palavras fizessem sentido para Gabe. Aos diabos com as boas intenções e as tentativas de ser civilizado. Colando seus lábios aos de Carolina, Gabe sucumbiu à fome que o acompanhava desde que ela se fora.

Era sublime. Da mesma maneira que acontecia toda a vez que seus corpos se tocavam. Era sublime, um louco desvairo. As mãos passeavam por seus corpos, na ânsia de que cada pedaço de pele exposta fosse tocado. Até que não era o bastante.

Sôfrega, Carolina passou a abrir os botões da camisa de Gabe, na tentativa de tirar a peça de roupa que a impedia de tocar o peito amplo e forte. Não percebeu que Gabe tirava sua blusa, até sentir os lábios ávidos tocarem seus seios numa carícia enlouquecedora. Apoiou-se em seus ombros, numa tentativa inútil de recuperar o

equilíbrio. Suas pernas estavam fracas e mal conseguia respirar. Sentia seu corpo latejar, gritando em busca de alívio. Para Gabe não era diferente. Estava rijo e mais do que pronto para possuí-la.

Com o pouco do que lhe restava de sanidade, Gabe encaminhou-se para a porta, levando-a consigo, e trancando-a imediatamente para que não fossem interrompidos de maneira alguma. As mãos de Carolina buscaram o cóis da sua calça.

– Isso não vai resolver as coisas entre nós dois. – Carolina suspirou.

– Eu sei. – Gabe gemeu ao sentir as mãos macias tocando-o. – Mas podemos conversar depois...

Impaciente, prensou-a contra a parede, beijando-a ávido, enquanto suas mãos baixavam sua meia calça e calcinha, para logo em seguida tocar a umidade entre suas pernas. Carolina quis gritar o prazer ante as carícias enlouquecedoras que aquelas mãos lhe proporcionavam.

Seu corpo estremeceu em antecipação e segurando-o pelos quadris, arqueou-se em busca do alívio que necessitava. Gabe a sustentou em seus braços e a penetrou rapidamente, seu controle escapando ante a força que os envolvia.

Carolina cruzou as pernas em suas costas, numa tentativa desesperada de tê-lo mais profundo dentro de si. Gabe a penetrava fortemente, o atrito de seus corpos levando-os a patamares jamais imaginados. Uma grande onda de prazer os envolveu, levando o corpo de Carolina a convulsionar-se de encontro ao de Gabe.

– Oh, meu Deus!

– Sim, assim... Ahh! – Gabe gemeu ao sentir-se derramar dentro de Carolina, que estremeceu num êxtase profundo, contraindo-se em volta dele, sugando-o até que suas forças acabassem. Exaustos, sentiram-se escorregar até o chão, espantados demais com a força da paixão que compartilharam e felizes demais por terem vivido intensamente aquele momento único.

Muito tempo depois, quando respirar já não era difícil e seus corpos protestaram contra a incômoda posição e o local onde estavam

largados, Gabe foi o primeiro a movimentar-se. Levantando-se, carregou-a nos braços até o sofá onde a sentou em seu colo.

– Tudo bem... Vamos fazer do seu jeito. – disse resignado.

- Do meu jeito? – Carolina, aninhada contra seu peito, teve dificuldade para concentrar-se na voz de Gabe.

– Toda aquela história de nos conhecermos melhor... – Gabe afastou-a para que olhasse em seus olhos. – Quanto tempo você acha que precisa para...

– Shh... - Carolina o interrompeu colocando delicadamente um dedo sobre seus lábios e movimentou a cabeça negativamente. – Vamos fazer do seu jeito.

Gabe olhou a mulher em seu colo. Os cabelos cacheados caíam sobre seus seios nus. Logo abaixo, suas mãos repousavam sobre a cintura fina. Ela emagrecera, Gabe percebeu. Entretanto estava em sua contemplação, que por pouco não escutou as palavras ditas em tom baixo.

– Ficar longe de você foi tão... Oh, droga Gabe... – os olhos de Carolina buscaram os seus. – Se você puder esquecer as bobagens que eu disse... Eu não vou dizer não.

Gabe pareceu tão espantado, que Carolina pensou que havia entendido mal e que ele não a queria. Preparava-se para levantar quando Gabe a segurou firmemente em um abraço.

– Quer dizer que vai casar comigo? – Gabe perguntou. – Agora?

Carolina acenou com a cabeça antes de seus lábios murmurarem.

– Sim. – beijou-o levemente. – Apesar de que preferia estar vestida... – beijou-o de novo. – E fora do escritório do seu irmão.

– Isso pode ser providenciado. – Gabe sorriu, antes de deitá-la no sofá. – Sem medos?

– Ah, não! – Carolina disse antes de acariciar-lhe os cabelos. – Morro de medo que as diferenças entre nós... Acabem por nos afastar.

– Não vamos deixar que isso aconteça. – Gabe acariciou seu pescoço. – É novamente uma questão de confiança. – beijou a veia que pulsava sob seus dedos. – Você confia?

– Em você?

– Não. – Gabe sussurrou. – Que o amor entre nós será suficientemente forte.

Com os lábios de encontro ao seu ouvido sussurrou.

– Eu acredito.

– Oh, Gabe!

Gabe aproximou os lábios dos seus e tomou-os lábios com reverência. Uma declaração vívida de seus sentimentos que Carolina correspondeu, com todo o amor que carregava em seu coração.

– Eu amo você. – Carolina sussurrou. – Muito mais do que seria seguro...

– Ah, Carolina! – Gabe sorriu enquanto suas mãos desciam por seu corpo. – Você não precisa preocupar-se com segurança.

– N.. Não? – Carolina indagou num gemido, entre as carícias de Gabe.

– Não. – Gabe afirmou. – Mesmo sendo a “Rainha do desastre” você tem... Um excelente... Anjo da guarda.

As palavras foram pontuadas por beijos espalhados em seu rosto.

– Ahh! – Carolina suspirou. – Gabe...

– Hum...

– Estamos na empresa... – disse pesarosa. – No escritório de seu irmão...

– Sei... – Gabe continuou beijando a suave curva do seu pescoço.

– Não acha melhor sairmos daqui? – Carolina indagou.

– Tem razão. – Gabe concordou, levantando-se e começando a se vestir. – Vamos para o “meu” escritório.

– Gabriel!

– O quê?

– As pessoas vão comentar... – Carolina também se vestiu. – Quer dizer... Já devem estar comentando... Oh, Deus!

Ele a trouxe para junto de seu corpo em um abraço.

– Carolina, nós não temos nada a esconder. – Gabe sorriu. – E aposto que meu irmão já deve ter espalhado para todos que vamos nos casar!

– Mica? Mas como?

– Eu disse que a pediria em casamento.

– Oh! – Carolina afastou-se, indignada. – Então... Você estava convencido de que eu iria aceitar... ?

– Não. – Gabriel falou com ar de zombaria. – Mas ele me aconselhou a trancá-la num quarto até que aceitasse meu pedido. – Gabe sorriu. – Provavelmente deduziu que o escritório dele também servia!

– Vocês! – Carolina bufou. – Você é...

– Um Anjo! – Gabe riu de sua revolta. – O seu anjo.

Gabriel a puxou de novo para seus braços e amparou-a quando ela escorregou e por pouco não caiu no chão. Carolina agarrou-se a Gabe, evitando o pequeno desastre.

– Meu anjo...! – Sorriu antes de murmurar.

Mais uma vez seus lábios se uniram com paixão. Talvez Carolina ainda fosse a “Rainha do desastre”, mas agora ela tinha alguém para ampará-la. E apesar do temer o que o futuro lhe reservava, tinha certeza que ao lado de Gabe seria feliz. Encontrara o seu amuleto da sorte... O melhor seu anjo da sorte!

"Repito por pura alegria de viver: a salvação é risco, sem o qual a vida não vale a pena. (Clarice Lispector)"

Epílogo

– Tudo bem. – Gabe disse ao chegarem ao quarto na penumbra. – Qual a surpresa que você preparou para mim?

Carolina sorriu levemente diante da curiosidade de seu marido. Com apenas dois meses de casados, Carolina perguntava-se se haveria alguma chance de outra pessoa ser tão feliz quanto ela.

– Deite-se na cama. – Carolina ordenou.

Gabe a olhou maliciosamente antes de obedecer. Carolina parecia a cada dia mais confiante do amor entre eles. E estava adorando vê-la deixar de ser uma desastrada sem confiança em si mesma para tornar-se essa mulher forte, determinada e... Incrivelmente sensual.

– Gabe? – Carolina aproximou-se. – Lembra de quando nos amamos a primeira vez e não podíamos usar as mãos?

– Sim. – os olhos de Gabe brilharam ao ver as amarras de veludo que ela lhe mostrava.

– Posso?

– Ah, meu amor! – Gabe sentou-se na cama e estendeu as mãos. – Eu sou seu para fazer de mim o que quiser.

Lendo a promessa em seus olhos, Carolina aproximou-se e o beijou suavemente antes de dizer.

– Vai ser um banquete.

Gabe picou-lhe maliciosamente.

– Então... Sirva-se à vontade!

A paixão incendiou-os e elevou a temperatura do quarto. Gabe não ficou muito tempo preso às amarras, mas Carolina não se importou. Aquele homem a fazia ver estrelas...

FIM

Table of Contents

[Copyright](#)

[Agradecimientos](#)

[Prólogo](#)

[Capítulo I](#)

[Capítulo II](#)

[Capítulo III](#)

[Capítulo IV](#)

[Capítulo V](#)

[Capítulo VI](#)

[Capítulo VII](#)

[Capítulo VIII](#)

[Capítulo IX](#)

[Capítulo X](#)

[Capítulo XI](#)

[Capítulo XII](#)

[Capítulo XIV](#)

[Capítulo XV](#)

[Capítulo XVI](#)

[Capítulo XVII](#)

[Epílogo](#)